

REVISTA DO PROGRAMA INSTITUCIONAL
DE BOLSA DE INICIAÇÃO ARTÍSTICA
PIBIART

EXPEDIENTE

BIA – Revista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Artística

Dezembro de 2021

Reitor	Edição	Projeto gráfico e diagramação
Marcus Vinicius David	Izaura Rocha	Nathália Duque
Vice-reitora	Redação	Fotografias
Girlene Alves da Silva	Ismael Crispim	Divulgação
	Izaura Rocha	
Pró-reitora de Cultura	Katia Dias	
Valéria de Faria Cristofaro	Anna Julia Lourenço (Bolsista voluntária de TP)	
	Camila Borges (Bolsista voluntária de TP)	
Secretários	Caroline Crovato (Bolsista de TP)	
Darlan Lula	Julia Coimbra (Bolsista voluntária de TP)	
Bruno Defilippo Horta	Natália de Miranda (Bolsista de TP)	
	Thamyres Aquino (Bolsista de TP)	
Planejamento		
Cadija Costa		
Izaura Rocha		

BIA – Revista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Artística

Publicação da Pró-reitoria de Cultura da Universidade Federal de Juiz de Fora

Rua José Lourenço Kelmer s/n – Campus Universitário

Bairro São Pedro – CEP 36.036-900 – Juiz de Fora, Minas Gerais

Telefones: (32) 2102-3964 e (32) 2102-3965

Sugestões e contato: cultura.ufjf@gmail.com



Detalhe do mural de quase 100 metros quadrados *Às congadoas de Itamogí*, intervenção urbana realizada pela bolsista Gabi Lemos como resultado de seu projeto no Pibiart

SUMÁRIO

8

SÉTIMA ARTE E SUAS PLURALIDADES

- 8** Um olhar para a educação pública
- 10** Ciência Animada
- 12** O poder do som e a força da imagem

14

MODA: SUSTENTABILIDADE, RESISTÊNCIA E REPRESENTATIVIDADE

- 14** Um acervo sem fronteiras para a história da moda social
- 16** Moda Concreta
- 18** Reinvenção fashion e a moda consciente
- 20** Tingimento natural, tecidos sustentáveis

22

O CORPO E SUA REPRESENTATIVIDADE ARTÍSTICA E SOCIAL

- 22** Contos de Bixas: gêneros dissidentes sob a perspectiva decolonial
- 24** Expressão corporal sem barreiras
- 26** Representações do feminino: um debate necessário
- 28** A externalidade da alma

30

ARTES VISUAIS E SUAS MÚLTIPLAS POSSIBILIDADES

- 30** Alerta contra a devastação
- 32** Visualidades sonoras
- 34** Arte musiva: memória e a coletividade
- 36** Mulheres artistas: uma proposta curatorial

38

FOTOGRAFIA E MEMÓRIA

38 Retratos de família

40 Monumento aos corpos ausentes

48

MÚSICA

48 Tudo é música

42

REPRESENTAÇÃO GRÁFICA

42 Impressões do mundo no papel

44 Arte contemporânea em debate

46 Arte gráfica em transformação

52

URBANIDADES

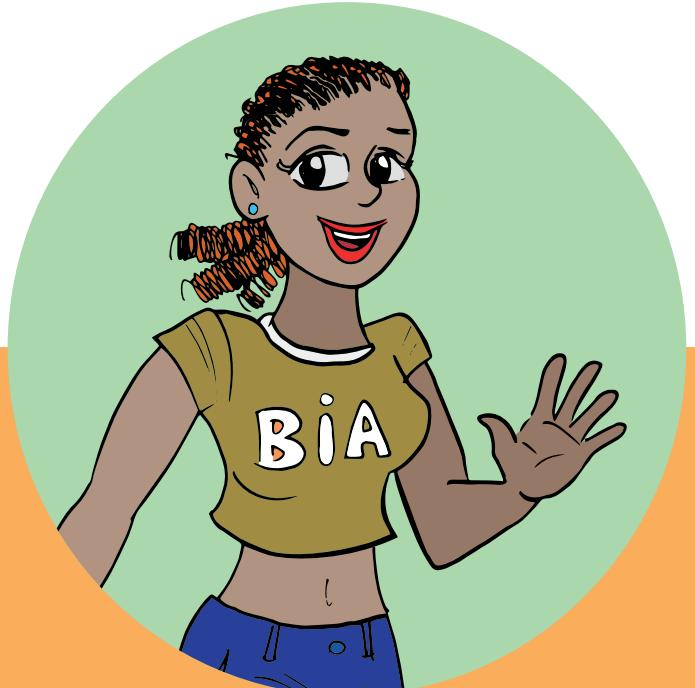
52 Fotografia, memória e lugares de tradição

54 O jogo do patrimônio

56 Flagrantes urbanos

58 Inspiração arquitetônica

60 Graffiti e cultura popular



62

ARTE-EDUCAÇÃO

62 Conhecimento artístico através dos quadrinhos

64 #ensinodehistóriadaartenasredes

66 Contar histórias, projetar futuros

68

COMPARTILHANDO O CONHECIMENTO

74

PANORAMA



Editorial

Vitória da resiliência

brevemente, assim que as atividades presenciais fossem autorizadas.

Como sabemos, as condições pandêmicas em nosso país não permitiram o afrouxamento das medidas sanitárias e, além disso, as restrições orçamentárias sofridas pelas instituições de ensino superior levaram ao corte de 35% no número de bolsas em diversos programas oferecidos pela UFJF, incluindo o Pibiart, além da redução no valor das bolsas mantidas. Diante dessa conjunção de fatores, os projetos que permaneciam suspensos tiveram de ser definitivamente encerrados em abril de 2021.

Esta publicação dos resultados do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Artística (Pibiart), em sua segunda edição após a retomada em novo formato, tem um caráter especial de vitória. Afinal, em 2020 o mundo foi surpreendido pela emergência da pandemia de Covid-19, que impôs a necessidade de distanciamento social como controle fundamental da disseminação do vírus, o que inevitavelmente afetou a realização do Programa.

Com sua proposta de qualificar discentes na área artístico-cultural, incentivar a produção artística e a docência em artes por meio de projetos educativos e culturais, o Pibiart apostou sobretudo no intercâmbio e na mediação de conhecimentos, que idealmente melhor se realizam em condições presenciais. Diante da suspensão das atividades acadêmicas no Campus a partir de março de 2020, e atendendo a um apelo dos alunos, a Pró-reitoria de Cultura aprovou em julho daquele ano a realização remota de projetos do Pibiart que assim pudessem ser efetivados.

De todos os projetos que haviam sido selecionados para execução no período de agosto de 2020 a julho de 2021, em sua maioria os autores optaram por adaptá-los para a execução remota, mas 14 das propostas permaneceram suspensas devido a dificuldades ou impossibilidade de sua realização a distância. Havia então a expectativa de que pudessem ser retomados

Apesar desses revezes e de todas as dificuldades, o leitor desta edição da BIA poderá constatar que orientadores e bolsistas alcançaram excelentes resultados no desenrolar do Programa, vencendo as limitações com criatividade e resiliência. Os desafios de adequar os projetos à nova realidade permitiram aos alunos desenvolver novas habilidades e descobrir o potencial educativo de ferramentas digitais e plataformas virtuais. Muitos relataram como a experiência lhes proporcionou uma imersão científica e artística inédita no universo on-line, contribuindo para vislumbrarem novas perspectivas acadêmicas e profissionais.

Com seu redirecionamento para o virtual, as oficinas, minicursos, laboratórios e similares realizados nesta edição tiveram alcance inédito, com participantes de diversos estados brasileiros. Vale a pena conferir como esses e outros projetos propiciaram uma vivência acadêmica importante para os discentes participantes nos campos da pesquisa, da mediação e da produção artístico-cultural. Aqui temos uma visão ampla e completa da abrangência do Pibiart e de sua repercussão na vida não só dos alunos como de diferentes segmentos de nossa sociedade.

BOA LEITURA!

UM OLHAR PARA A EDUCAÇÃO PÚBLICA

Ninguém nasce feito, nome do projeto artístico-cultural realizado pela estudante de Cinema Carolina Martins como bolsista do Pibiart, expressa o sentimento de muitos vestibulandos. A proposta é a produção de um curta-documentário sobre o Garra, cursinho popular de Juiz de Fora promovido pela Extensão da UFJF, voltado à preparação de alunos de baixa renda para ingresso na universidade. O curta-metragem, em fase de pós-produção, acompanha o ano letivo de 2020, e seu foco é contar a história daqueles que passaram pelo curso - membros e alunos.

Com as adaptações trazidas pela pandemia ao ensino, as aulas do cursinho passaram para uma plataforma on-line. Com isso, alguns temas ganharam evidência - entre eles, a desigualdade do acesso a educação e tecnologia e a romantização da fase de pré-vestibular, que, segundo a bolsista, glamouriza o *burnout* e o sofrimento do aluno. O documentário pretende colocar essas questões em pauta e discutir como a educação básica falha em muitos sentidos. Além disso, se propõe a debater a própria necessidade de existirem iniciativas como o Garra, uma vez que a maioria dos alunos do ensino básico não tem o suporte necessário para obter acesso ao ensino superior, questionando assim o projeto educacional brasileiro. Nessa perspectiva, o projeto buscou registrar a relação da turma durante o ano e os desafios internos da gestão, mostrando a relação entre eles até o ENEM (janeiro de 2021).

Nesse sentido, a metodologia utilizada para a produção se baseou em entrevistas por meio da plataforma

Google Meet, que permitiu gravar reuniões e conselhos entre membros com discussões sobre a organização do cursinho em vários níveis, além das entrevistas individuais com diretores, coordenadores, presidência, professores, fundadores do projeto, alunos e ex-alunos. Por isso, levando em consideração os materiais adquiridos, optou-se por um formato que muito se inspira no documentário-verdade. Apesar de todos os desafios na produção, essa nova configuração possibilitou muito aprendizado e apontou para novos horizontes no audiovisual.

“Ter uma experiência de fazer um documentário a distância é nova e questiona muito do que era dado como básico na filmagem documental”, avalia Carolina Martins. Fora os avanços, os impactos que o projeto pode alcançar são inúmeros, acredita a bolsista. A começar pela exibição gratuita para a comunidade, que, segundo ela, pode inspirar projetos semelhantes, que contribuiriam para o acesso ao ensino superior de quem mais necessita. Além disso, preservar e compartilhar uma iniciativa tão poderosa indica caminhos alternativos em um momento complexo e difícil para a educação pública. Sobretudo, ressalta a bolsista, a discussão que o documentário suscitará sobre acessibilidade educacional se faz urgente. Por fim, Carolina considera extremamente relevante apresentar as experiências dos alunos para aqueles que não participam da esfera pedagógica - especialmente em termos de pré-vestibular.

Camila Borges

NINGUÉM NASCE FEITO

Modalidade Projeto Artístico-Cultural . **Bolsista** Carolina Rodrigues Mendonça Martins *Cinema e Audiovisual*

Orientador Professor Sérgio José Puccini Soares



Com depoimentos sobre a experiência do cursinho pré-vestibular
Garra, documentário discute questões de acessibilidade
educacional

CIÊNCIA ANIMADA

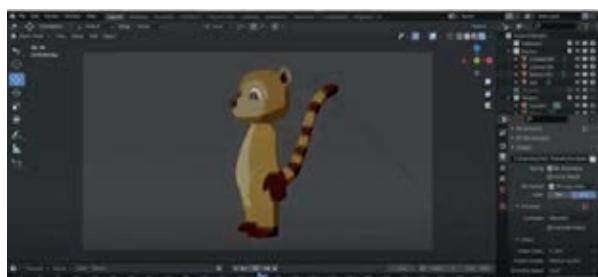
Empenhado em dar vida à mascote do Centro de Ciências da UFJF, o quati Quark, criando também um companheiro para o personagem principal, o robô Roomba, o bolsista Bruno Rodrigues Marquez, com a ajuda de suas colegas Helena Lima e Luciana Lopes do curso de Design, trabalhou no projeto *Animação em Vídeos Imersivos Hemisféricos*, sob a coordenação do professor Luis Antonio Dourado Junior. A ideia era buscar uma aproximação com crianças entre 6 e 12 anos, potenciais frequentadores do espaço, um dos mais expressivos do país e o maior de Minas Gerais. Os testes com o público-alvo tiveram uma amostragem reduzida em função do distanciamento social, mas os resultados foram promissores, com ampla chance de alcançar também adolescentes e adultos.

A proposta foi a produção de um curta-metragem animado para projeção hemisférica, na totalidade do domo do Planetário do Centro de Ciências, e incluiu os processos de modelagem, texturização, animação tridimensional e desenvolvimento de estratégias de renderização do material audiovisual para cinema imersivo. “Essas etapas estão envolvidas na adaptação do design do Quark para a animação 3D *fulldome*, como um filme de introdução do público infantil às possibilidades que o local apresenta. Sua realização proporcionou a experiência extraclasse na produção de cinema de animação narrativo com técnicas de produção utilizadas em vídeos VR360”, relata Marquez.

Entre as metas da proposta estão o domínio das técnicas de desenvolvimento de vídeo utilizando softwares de código livre, Krita (2D) e Blender (3D), e a elaboração de roteiro capaz de permitir que o diálogo em outros idiomas seja realizado com apenas um dublador, a fim de facilitar a exibição da obra em outros países. Também

se destaca a realização do curta-metragem animado *Quark, o Fotógrafo de Planetas* (título provisório) para a projeção hemisférica no domo, com duração entre 10 e 12 minutos, assim como a criação de *domemaster* e trilha de áudio para sistemas de projeção *fulldome* que possam permitir a difusão da obra audiovisual produzida para planetários de outras localidades.

Para criar uma representação tridimensional de desenhos e ilustrações que reconfiguraram a aparência do Quark, a face mais complexa das ações aplicadas ao projeto foi conseguir equilibrar a precisão do instrumental técnico e a habilidade manual para transformar o vazio do ambiente 3D em formas expressivas e graciosas de um quati estilizado e de um robô, garantindo que ambos sejam capazes de cativar o público-alvo. O grupo esteve envolvido em discussões técnicas e artísticas para a tradução dos dois personagens do mundo bidimensional para o tridimensional.



O mascote Quark foi modelado em computação gráfica 3D

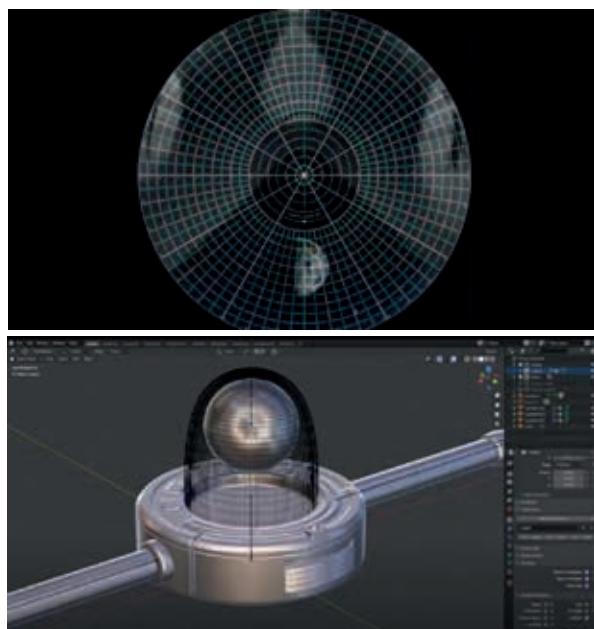
COMPUTAÇÃO GRÁFICA

Grande parte do design do robô foi desenvolvida por Dourado e Marquez durante a fase de modelagem, tendo em vista que os desenhos conceituais eram mais livres e pouco definiam os detalhes construtivos. “As atividades envolveram a criação de modelos de baixa e média complexidade em computação gráfica 3D, auxiliando na criação dos personagens e dos demais elementos do vídeo (planetas e painel de navegação que exibe o deslocamento da nave tripulada pelos personagens através do Sistema Solar). Houve ainda o desenvolvimento de materiais que simulam a aparência



Para dar mais vida, textura e volume ao personagem, foram aplicados digitalmente mais de 50 mil fios para criar os pelos do quati

de animação 2D tradicional em acetato, investigando a viabilidade técnica e artística do uso de técnicas mais velozes de renderização.



O curta-metragem de animação 3D ‘fulldome’ será projetado no domo do Planetário do Centro de Ciências da UFJF para introdução do público infantil ao espaço

Um aspecto interessante do trabalho foi a criação de pelos no personagem Quark, aplicando aproximadamente 50 mil fios individuais em três camadas distintas para criar complexidade. “Essa etapa está em fase de aperfeiçoamento técnico (para reduzir o tempo de renderização) e artístico (para proporcionar maior volume e formas mais graciosas durante a movimentação do personagem); testes de animação 3D de baixa complexidade, desenvolvendo a estrutura de deformação de geometria para simular articulações (em implementação); investigação de plataformas de renderização em tempo real para acelerar a produção do vídeo hemisférico, sendo que o uso de *game engine* (Unity) para extrair representações pode fazer isso de duas maneiras diferentes, usando projeção cilíndrica equidistante (como um mapa mundi) ou projeção cúbica (perspectivas tomadas de cima, de baixo e das quatro direções laterais - esquerda, direita, para frente e para trás)”, explicam os alunos.

Katia Dias

ANIMAÇÃO EM VÍDEOS IMERSIVOS HEMISFÉRICOS

Modalidade Grupo Artístico . **Bolsista** Bruno Rodrigues Marquez *Bacharelado em Design*

Orientador Professor Luis Antonio Dourado Junior

O PODER DO SOM E A FORÇA DA IMAGEM

Idealizado por Laura Ferrari Biscotto (bolsista) e Kethleen Formigon Gomes (voluntária), alunas do curso de Rádio, TV e Internet da UFJF, o projeto *Podcast Animato - A história do som através do cinema* buscou apresentar a ligação existente, desde os primórdios do cinema, entre o som e o audiovisual, trabalhando técnicas que relacionam áudio e vídeo, bem como conceitos por trás de trilhas sonoras. Para a produção do podcast, foi necessário pesquisar sobre história e técnicas do cinema, além de analisar filmes e estudar a construção sonora, em especial da música, fator marcante em uma obra cinematográfica. O diálogo entre o diretor e o compositor acerca do conceito do filme, o que planejam transmitir e os instrumentos escolhidos são responsáveis por desencadear sentimentos e sensações no público.



As relações entre som e vídeo no cinema foram o foco do projeto

Para Laura, o podcast possui uma carga social, “já que o audiovisual tem sido extremamente mal compreendido no Brasil nos últimos anos. No Animato, é possível mostrar o trabalho duro e o peso cultural que o cinema e a música carregam para todos, além de enfatizar o papel



O podcast alcançou audiência em diversos estados do país e até no exterior

e as especificidades dos vários profissionais envolvidos no processo”. O projeto também visa a divulgação e o incentivo ao cinema nacional, ao procurar inspirar seus ouvintes a consumi-lo e estudá-lo.

Buscando alcançar o maior número de pessoas possível, as estudantes lançaram mão do uso estratégico de outras plataformas digitais – além da utilizada para os podcasts, Anchor –, como a divulgação dos episódios no Instagram e a publicação de conteúdos no Tumblr (plataforma gratuita de microblogging com funcionalidades características das redes sociais, em especial a interação com outros usuários e sites). Esses espaços foram aproveitados para gerar materiais referentes aos temas abordados nos episódios, bem como para trabalhar o desdobramento dos assuntos, incentivando o público a ouvir o podcast. Outra estratégia utilizada foi a divulgação em grupos no Facebook e WhatsApp voltados para produção de podcasts, o que possibilitou a aproximação com outros produtores.

Durante 12 meses, o podcast Animato lançou três episódios em sua primeira temporada e dois na segunda. Um dos objetivos alcançados foi contar com a participação de entrevistados das áreas temáticas,

totalizando cinco entrevistas. Laura conta que, de acordo com os insights do Instagram, o projeto alcançou mais de cem contas em seu último mês, com crescimento médio de 66% a cada conteúdo publicado. Paralelamente, foi ministrada uma oficina on-line, com foco em produção sonora, para um amplo público: a faixa etária dos participantes variava entre 16 e 49 anos. Dos inscritos, 59,1% não tinham nenhuma experiência em produções sonoras ou podcasts, enquanto os outros 40,9% eram iniciantes.

Com base em estatísticas fornecidas pela plataforma Anchor, foi possível identificar ouvintes de dez estados brasileiros, além do Distrito Federal. O podcast também obteve alcance internacional: 46% dos ouvintes são de fora do país, sendo a maior parte dos EUA, seguidos da Alemanha. A faixa etária dos 18 aos 22 anos concentra 48% dos ouvintes, mas, segundo o método da plataforma, a idade geral varia entre 17 e 59 anos. Até 15 de agosto de 2021 foi identificado um total de 200 reproduções.

OFICINA

A elaboração de uma oficina gratuita, virtual e acessível para interessados ou iniciantes em produção sonora possibilitou trocas de conteúdo, contatos e ideias de produção. Após a oficina, os participantes receberam um formulário de avaliação da aula, por meio do qual 83,3% avaliaram-na como muito boa, e 16,7%, como boa. Todos responderam que a oficina atingiu o que havia prometido na divulgação e também afirmaram recomendá-la a outros principiantes em produção sonora.

Apesar dos ótimos resultados, o projeto também teve seus percalços. “É importante ressaltar que, para a finalização das duas temporadas, houve um atraso na programação devido às dificuldades trazidas pela



A fim de ampliar o acesso do público, o podcast foi disponibilizado em várias plataformas

pandemia de Covid-19, limitações e imprevistos do equipamento *home office* e, inclusive, acarretando a desistência de uma das participantes do projeto, em decorrência da sua saúde”, conta Laura, que precisou continuar o projeto sem a colega voluntária.

Graças ao seu envolvimento no projeto, Kethleen teve a oportunidade de entrevistar pesquisadores cujos artigos foram utilizados dentro de sala de aula. “Entrar em contato com essas pessoas permitiu abranger minha rede de contatos na área e entender um pouco melhor o mercado de trabalho do audiovisual”, comemora. Laura conta que a experiência adquirida lhe abriu novas possibilidades: “Ao longo do desenvolvimento do projeto para o Pibiart, participei do processo seletivo e fui aprovada como voluntária para o projeto de extensão *Cineclube Lumière*, da Faculdade de Comunicação, onde vou levar a carga de pesquisa em som de cinema que adquiri através das pesquisas do Animato. [...] Aprendi mais sobre o uso de programas avançados de edição de imagem e áudio, me sentindo qualificada para atuar profissionalmente na produção de podcasts e como designer”, relata.

Ismael Crispim

PODCAST ANIMATO - A HISTÓRIA DO SOM ATRAVÉS DO CINEMA

Modalidade Projeto Artístico-Cultural . **Bolsistas** Laura Ferrari Biscotto e Kethleen Formigon Gomes (voluntária) *Rádio, TV e Internet*

Orientadora Professora Theresa Christina Barbosa de Medeiros

UM ACERVO SEM FRONTEIRAS PARA A HISTÓRIA DA MODA SOCIAL

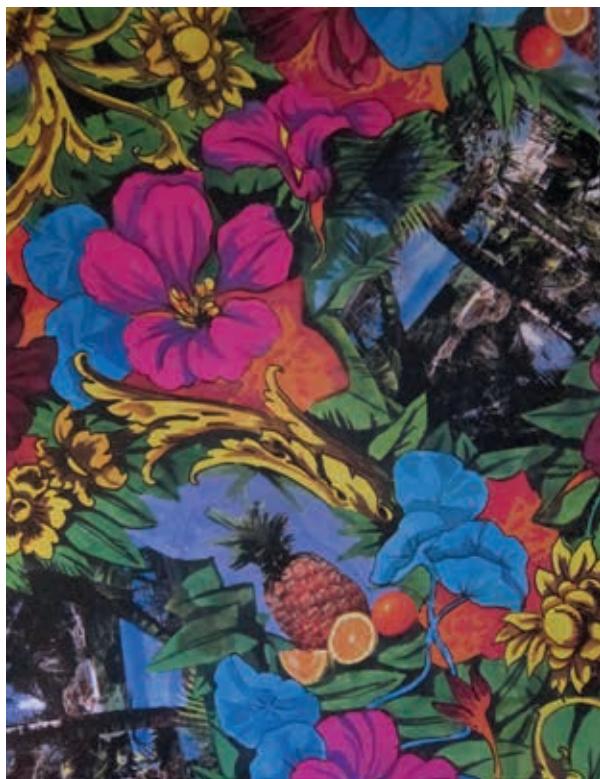
Com foco no resgate da história afetiva e material que envolveu a produção do vestuário em diferentes épocas, as bolsistas Isadora Martins, Mariana Gomes e Juliana Barbosa, do Bacharelado em Moda, trabalharam com uma proposta museológica para proceder à catalogação e à curadoria do Museu da Moda Social (MMOS), o mais novo integrante dos equipamentos culturais da Procult.

A partir de Juiz de Fora, mas sem uma rígida delimitação de fronteiras territoriais, o acervo reunido pelo professor Luiz Fernando Ribeiro, orientador do projeto, traça um panorama sobre costumes, tecnologias, matérias-primas, história, abordando ainda questões sociais, políticas e econômicas, especialmente em uma cidade que foi referência de polo têxtil no decorrer do século XX.

Em meio a um acervo que se avoluma em número e importância a cada dia, envolvendo diferentes coleções e doações de roupas, calçados e acessórios, estão histórias de vida pessoais como a da socialite Christina Queiroz e a da baronesa alemã Hildegard Von Bierberstein, além de trajetórias industriais que remetem a estruturas grandiosas como a da extinta Cia. Têxtil Ferreira Guimarães.

Um dos resultados alcançados pelas bolsistas foi a identificação e a catalogação do material resgatado pelo

orientador na antiga fábrica de tecidos. Há catálogos, revistas, objetos, anotações técnicas, quadros e fichas de clientes, que se somam a 150 modelos de estampas da década de 1990, tratadas e classificadas como obras de arte. São pranchas pintadas à mão, com colagens e técnicas diversas, originárias de França, Itália, Espanha e Estados Unidos.



Desenho de estampa com mix de formas naturais e figurativas, composta por flores, folhas e frutas, além de paisagem tropical.

Técnica: colagem e pintura com marcador

Dimensão: 39,6 cm x 28,9 cm

Estúdio: MAGENTA, Barcelona - Espanha. c.1992

No decorrer da bolsa, o empenho de Isadora, Mariana e Juliana se traduziu também na pesquisa e na catalogação das imagens específicas da Coleção Christina Queiroz, higienizando, enumerando e datando álbuns, recortes de jornais e fotografias, de modo a traçar uma relação entre os registros disponíveis e as doações feitas ao MMOS, delimitando os eventos em que cada peça foi utilizada.

Foi dada atenção a marcas de moda regionais, nacionais e internacionais presentes no acervo do MMOS, por meio de pesquisas e digitalização sobre os dados cadastrais das roupas e dos acessórios coletados,



Desenho de estampa floral, fundo aquarelado, com maxi flores estilizadas em tons/ branco, azul e marrom.

Técnica: tinta acrílica e aquarela sobre papel manteiga
Dimensão: 51 cm x 42,7 cm Estúdio: CREATIONS Robert Vernet, Lyon - França. Out.1991

incluindo identificações de CNPJ, proporcionando informações técnicas mais detalhadas sobre o histórico dos fabricantes, datas pertinentes, localização, atividades atuais, entre outras.

Em função da pandemia, os trabalhos foram realizados remotamente, com a equipe interagindo em encontros on-line a partir de Juiz de Fora, Ipatinga, São Paulo e Rio Pomba. Iniciadas em agosto de 2020, as atividades foram mediadas em reuniões semanais com duração média de duas horas, via Google Meet, proporcionando ambientação com o projeto e entre os integrantes. O WhatsApp foi utilizado três vezes por semana, das 9h às 12h, para desenvolvimento e compartilhamento das atividades.

Assim, foram possíveis o planejamento de postagens, a edição e tratamento de fotos, o levantamento de manequins e outros suportes para museus, a criação da ferramenta Moodboard, o estudo de identidade visual para Instagram, e a pesquisa e levantamento de dados sobre marcas, estilistas e pessoas relacionadas no acervo. Nesse período, houve também acréscimos às coleções, além da transferência e da montagem do acervo técnico e da criação de um questionário padrão para a realização de novas pesquisas.

Katia Dias



Desenho de estampa abstrata em patchwork, com elementos florais, geométricos e paisley.

Técnica: colagem e pintura, com marcadores, nanquim e tinta acrílica
Dimensão: 32,6 cm x 24,6 cm
Estúdio: MAGENTA, Barcelona - Espanha. c.1992

ACERVO MUSEOLÓGICO DA MODA: CATALOGAÇÃO E CURADORIA

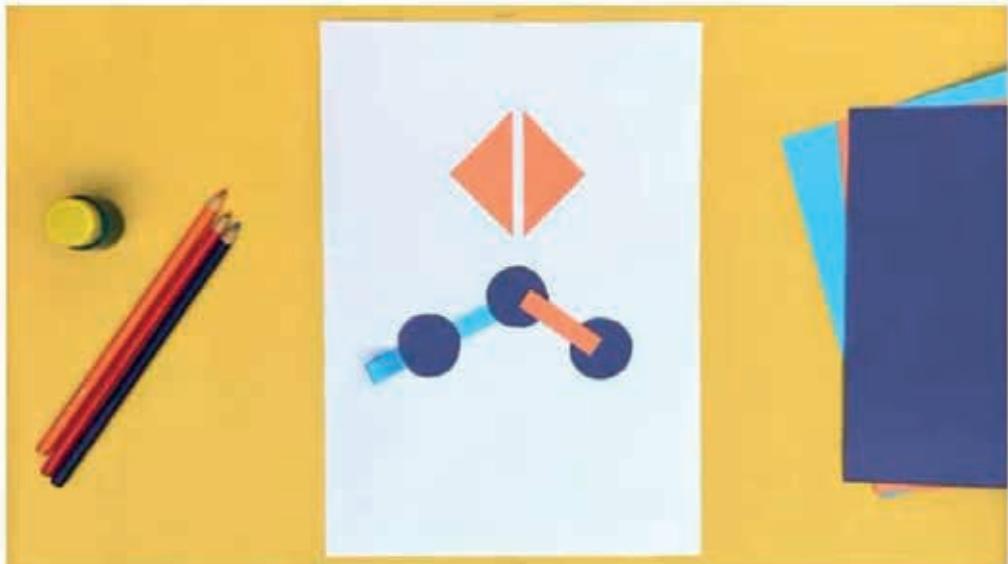
Modalidade Grupo Artístico . **Bolsistas** Isadora Moreira Martins, Mariana Silva Gomes e Juliana Ferreira Barbosa **Bacharelado em Moda**

Orientador Professor Luiz Fernando Ribeiro da Silva

MODA CONCRETA

OFICINA
**MAD
LAB**

ATIVIDADE EXPERIMENTAL



COLAGEM GEOMÉTRICA

A proposta do projeto desenvolvido no Pibiart foi investigar as relações entre arte e moda com foco no movimento concretista brasileiro

O diálogo entre arte e moda é o ponto de partida do *Laboratório de Moda, Artes e Design* - ou apenas "MAD LAB", que dá nome ao projeto e à oficina de expressões artísticas baseada no movimento concretista brasileiro, desenvolvidos pelo bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Artística (Pibiart) Lucas Caretta. O artista é aluno do bacharelado em Moda da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

O objetivo central da pesquisa foi compreender as relações entre a arte - com foco no concretismo brasileiro - e as criações de moda, do início do movimento até as produções atuais, e, dessa maneira,

transmitir o conhecimento para os participantes da oficina. Para Lucas, "a oportunidade de executar esse projeto de iniciação artística pela UFJF foi uma grande realização, principalmente por poder contribuir com a valorização e divulgação da pesquisa da arte brasileira".

O conteúdo pesquisado pelo artista faz um panorama do concretismo brasileiro, desde as suas referências até os dois principais grupos artísticos que se formaram em São Paulo e no Rio de Janeiro. Além do conteúdo sobre o movimento artístico, também foi feita uma contextualização dos acontecimentos de história da moda brasileira no período e abordada a relação entre

as artes visuais e a moda nas produções da Rhodia em parceria com artistas concretos.



A oficina “MAD- Expressões artísticas baseadas no concretismo brasileiro” aconteceu em maio de 2021, de forma remota, através das plataformas Google Meet e WhatsApp. Ao todo foram quatro momentos: um primeiro encontro síncrono para apresentar o plano da oficina e uma aula inaugural sobre o tema; posteriormente foram disponibilizadas três aulas previamente gravadas e enviadas para os alunos, que faziam as atividades para compartilhar com o grupo o resultado alcançado com a proposta da aula. Vinte e oito pessoas participaram, e 22 entregaram as atividades e receberam o certificado. Para comemorar, foi organizada uma exposição virtual dos trabalhos dos alunos que autorizaram a publicação. As obras estão no perfil @madlab_ufjf do Instagram.

“Os resultados que obtive na pesquisa e lecionando a oficina [...] enriqueceram a minha bagagem, e, sem sombra de dúvida, me fizeram enxergar a área da

pesquisa e a carreira acadêmica com maior interesse”, afirma Lucas. “A adesão e a participação dos alunos superaram todas as minhas expectativas, [e] desde os primeiros contatos durante a divulgação até a entrega das atividades, foram muito positivos”, relata.

O projeto do bolsista foi orientado pela professora-doutora Débora Pinguello, do Instituto de Artes e Design (IAD). O público da oficina foi composto por alunos e ex-alunos do IAD, o que facilitou a compreensão das aulas, já que os mesmos estavam familiarizados com o tema, embora a oficina tenha sido uma oportunidade de aprofundamento sobre o assunto.



A oficina propôs o desenvolvimento de atividades diversas de experimentação, criação e produção técnica

Para Lucas Caretta, o saldo do projeto foi positivo, já que “a finalidade era compartilhar conhecimento e promover encontros de estímulo à criação, e as contribuições dos participantes comprovam isso”.

Thamyres Aquino

MAD LAB - EXPRESSÕES ARTÍSTICAS BASEADAS NO CONCRETISMO BRASILEIRO

Modalidade Projeto Artístico-Cultural . **Bolsista** Lucas Caretta Caetano Bacharelado em Moda

Orientadora Professora Débora Pinguello Morgado

Fotos https://www.instagram.com/madlab_ufjf/

REINVENÇÃO FASHION E A MODA CONSCIENTE



A ressignificação de materiais de descarte se torna cada vez mais necessária na busca por um ambiente mais sustentável. A partir dessa perspectiva, e considerando a referência de Juiz de Fora como pioneira no setor têxtil e de vestuário industrial de Minas Gerais, a estudante de Artes e Design Cassandra Magalhães da Silva Nascimento propôz um diálogo entre a moda e o conceito arquitetônico e histórico da cidade, em busca de uma forma de produção mais sustentável que reduza o descarte da indústria têxtil, fomente a moda local e conscientize artistas independentes.

O projeto *Reinvenção Fashion* resultou na produção de uma coleção de roupas, criadas a partir do descarte têxtil das marcas locais Chico Rei e Classic Estofados e peças garimpadas em brechós e bazares. Através da confecção e da customização, foram feitos ensaios fotográficos com modelos em pontos estratégicos da cidade para a exposição virtual do editorial e, posteriormente, a realização de uma oficina sobre tingimento natural e estamparia botânica.

Cassandra conta que inicialmente foi realizada a montagem de painéis visuais para inspiração com o mapeamento e a fotografia de lugares, pontuando as características estéticas e históricas que contribuíram para a projeção dos ensaios, reafirmando, assim, o impacto social das classes trabalhadoras e moradoras na moda urbana da atualidade: “As pesquisas de referências em utilização de retalhos na produção de moda geram um maior interesse e entendimento em torno deste assunto, além de provocar questionamentos em relação ao *fast fashion* e ao funcionamento da atual indústria da moda. Essas questões incentivam a busca por um caminho profissional que coloque como foco a sustentabilidade e seus benefícios”, destaca a estudante.



Com uma coleção produzida a partir de descarte têxtil e peças garimpadas em brechós, foi realizado um ensaio fotográfico em quatro cenários urbanos de Juiz de Fora

Ao final da pesquisa, foram escolhidos quatro locais para o editorial: Santa Luzia (rua do córrego), Vitorino Braga, travessas do Jardim Glória e Bairro Industrial, em que foram realizados três ensaios com cinco modelos escolhidos previamente por Cassandra. A coleção conta com dez peças produzidas pela própria bolsista em máquinas de costura, com formas, cores e elementos que remetem ao cotidiano nas cidades, como janelas, prédios, cercas, concreto e sujeira, além da utilização



As peças da coleção foram produzidas pela própria bolsista, em um trabalho que se propôs a questionar a indústria da moda

do jeans e a desconstrução de peças para a criação de novos formatos. As fotos passaram por processo de edição e estão disponíveis no Instagram do coletivo Debauxe (@debauxe).

Ao final do projeto, foi realizada uma oficina que teve como tema principal o tingimento natural e a estamparia botânica como importância social, com aulas que proporcionam aos alunos um contato direto com a criação e a produção de seus próprios bens de

consumo, com a utilização de técnicas com ingredientes de origem natural como cúrcuma, chá mate, feijão preto, urucum e catuaba em pó, e utensílios domésticos de fácil acesso, como panelas e colher de pau. O trabalho feito a partir do material de descarte de outras produções têxteis “coloca a sustentabilidade como prioridade, oferecendo à população uma alternativa ao *fast fashion* e suas implicações”, finaliza a bolsista.

Natália de Miranda

REINVENÇÃO FASHION: DA CIDADE AO VESTUÁRIO

Modalidade Projeto Artístico-Cultural . **Bolsista** Cassandra Magalhães da Silva Nascimento *Bacharelado Interdisciplinar em Artes e Design*

Orientadora Professora Débora Pinguello Morgado

TINGIMENTO NATURAL, TECIDOS SUSTENTÁVEIS

Desenvolvido pela estudante Karoline Silva Sampaio, o projeto *Shibori: alternativa sustentável, econômica e não poluente para pigmentação de tecidos* buscou desenvolver uma pesquisa teórico-prática com o uso de pigmentos naturais e não tóxicos, por meio da utilização de uma técnica milenar japonesa de tingimento de tecidos – o Shibori. Essa técnica consiste em criar padronagens pré-determinadas a partir de recursos como dobraduras e amarrações.

O projeto também visou a produção de kits em algodão cru para popularizar e estimular, não apenas a técnica Shibori, mas também as alternativas de customização e padronização de tecidos, priorizando a sustentabilidade e a redução de custos para artesãos, profissionais da moda e até mesmo leigos que buscam uma alternativa de renda ou produção de peças para uso pessoal.

Além dos kits, que precisaram ser adaptados devido ao fechamento do Laboratório de Marcenaria da UFJF durante a pandemia, a bolsista produziu algumas peças simples de vestuário como amostragem da aplicação dos tecidos resultantes dos experimentos práticos. O projeto possibilitou, ainda, a realização de oficinas práticas e material didático a respeito de cada variação da técnica Shibori e alternativas de pigmentos naturais.

A princípio, Karoline realizou uma pesquisa teórica sobre diferentes formas de tintura natural – os principais tipos de pigmentos, fixadores de cor e o processo de tingimento adequado para cada uma das colorações para aplicações testes em algodão cru. Ainda





Fotos da página ao lado e acima: o Shibori é uma técnica oriental milenar e sustentável para tingimento de tecidos com pigmentos naturais e criação de padronagens customizadas a partir de dobraduras e amarrações

no campo teórico, a estudante pesquisou materiais e suas diferentes padronagens no tecido, por meio da técnica Shibori, como barbante, madeira, pregadores, entre outros. Todo esse apporte teórico a embasou para o desenvolvimento de um workshop virtual, a fim de compartilhar o conhecimento adquirido com o público.

Ao colocar os estudos em prática, Karoline executou três testes para pigmentação do algodão cru nas cores amarelo, laranja e roxo, tendo como matérias-primas, respectivamente, o açafrão, o urucum e a beterraba. Ela alcançou êxito com os dois primeiros pigmentos, quanto ao tingimento, à fixação e à durabilidade. Todavia, o teste com a beterraba não apresentou resultados tão positivos, uma vez que a extração do pigmento não foi bem sucedida, o que dificultou as etapas seguintes, como a de fixação.

Uma das maiores relevâncias do projeto é a preocupação com a redução do impacto ambiental, uma vez que a

coloração de tecidos por parte da indústria da moda descarta material poluente na natureza. Com as técnicas estudadas por Karoline, uma solução de pigmentos pode ser armazenada e reutilizada em outras peças. Vale destacar ainda a elaboração de estampas únicas e personalizadas para o vestuário.

Segundo Karoline, a pesquisa possibilitou a utilização dos conhecimentos de diferentes áreas criativas estudadas em seu curso – como artes visuais, design e moda – para a execução de um produto, além de contribuir na difusão da cultura de práticas sustentáveis. O projeto também permitiu gerar conscientização acerca das práticas de tingimento disponíveis à sociedade, além de auxiliar na produção de peças únicas e sustentáveis para uso individual e comercial.

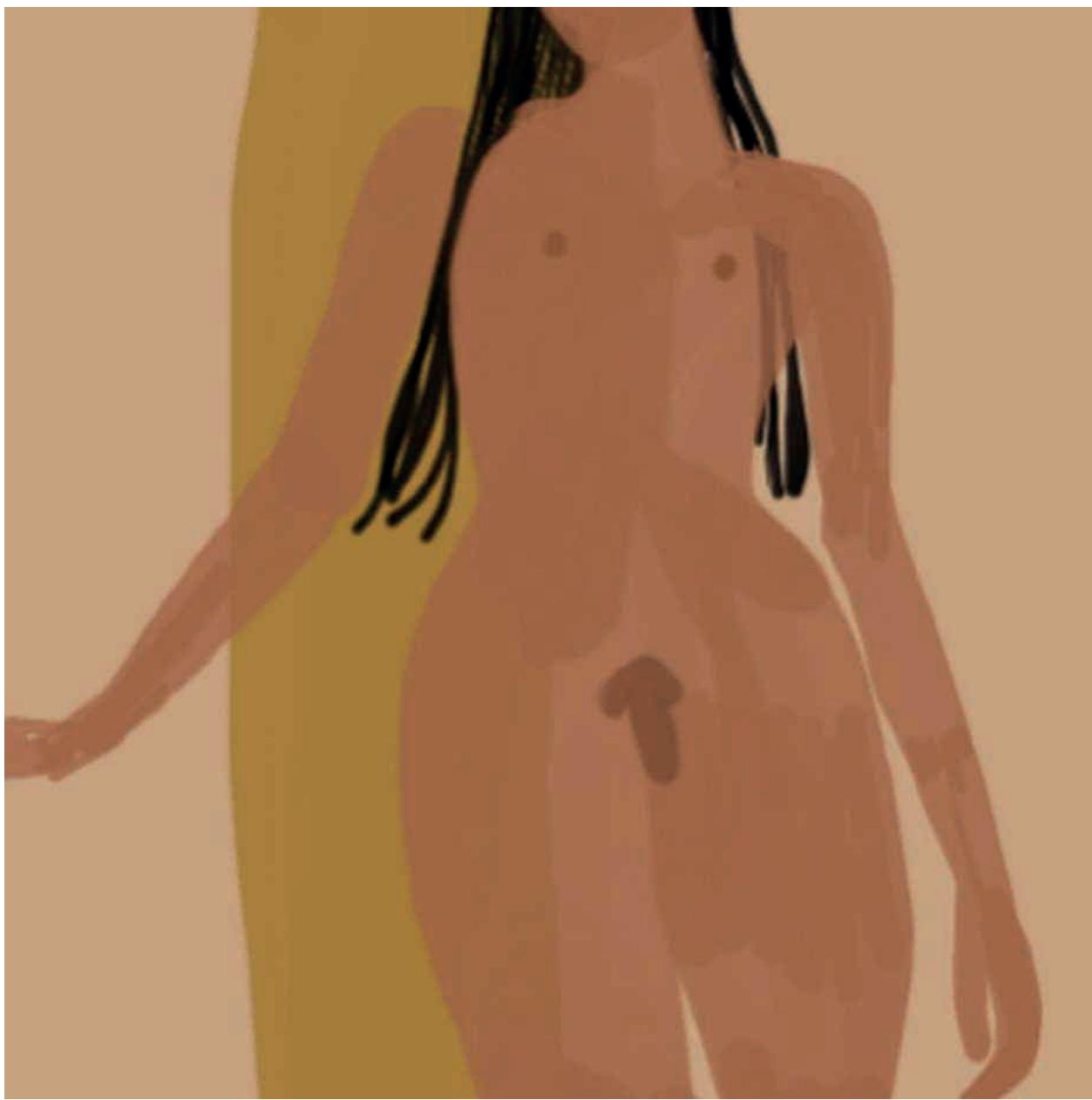
Ismael Crispim

SHIBORI: ALTERNATIVA SUSTENTÁVEL, ECONÔMICA E NÃO POLUENTE PARA PIGMENTAÇÃO DE TECIDOS

Modalidade Projeto Artístico-Cultural . **Bolsista** Karoline Silva Sampaio **Bacharelado Interdisciplinar em Artes e Design**

Orientadora Professora Sandra Minae Sato

CONTOS DE BIXAS: GÊNEROS DISSIDENTES SOB A PERSPECTIVA DECOLONIAL



As imagens criadas por Iúna Mariá para o livro (como as reproduzidas acima e na página ao lado) alcançaram grande visibilidade nas redes sociais, contribuindo para fomentar o debate sobre o universo transgênero

O projeto *Contos de Bixas*, elaborado pela discente do curso de Pedagogia Iúna Mariá para o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Artística (Pibiart) 2020, promovido pela Pró-reitoria de Cultura da Universidade Federal de Juiz de Fora, consiste na

elaboração de um livro de artista com narrativas de corpos dissidentes de gênero a partir da perspectiva da autora. Na obra, são tratadas questões de gênero trans e não binário, características comuns à comunidade e possibilidades de futuro.

Iúna afirma que o objetivo do projeto é construir um material que sirva de referencial para outras pessoas, que, assim como ela, encontram dificuldades de encontrar conteúdos de artistas que abordam a mesma temática. “Isso faz com que tenhamos uma lacuna, no sentido de conhecermos a nossa própria história. Pensando nisso, me propus a criar um material que dialogasse com o tempo em que vivemos”, ressalta.



Durante a produção, Mariá passou pelo período de transição de gênero, em que, segundo ela, deixou de estar no lugar de “pessoa bicha não binária” para se identificar como mulher transgênero. O processo impactou tanto, que ao se projetar no espaço virtual, por meio das redes sociais (<https://www.instagram.com/iunamary/>), as imagens criadas para o livro ganharam visibilidade ao ponto de figuras públicas procurarem a artista para elogiar ou encomendar as obras.

“O alcance das minhas publicações chegou a diversos tipos de pessoas. Pessoas que nunca haviam acessado reflexões acerca de gênero e sexualidade, e que, por

meio das imagens e textos que eu publicava, passaram a me procurar para entender melhor sobre essas questões. Todo esse movimento me fez perceber melhor as complexidades que envolvem a criação da arte e, principalmente, que produzir sobre alguns temas específicos pode ser bastante sensível”, relata Iúna.

O projeto de mediação artística *Contos de Bixa* foi orientado pelo professor Francione Oliveira, da Faculdade de Educação da UFJF. As metodologias utilizadas foram Pesquisa-ação baseada na A/R/tografia (uma forma de investigação baseada nas artes); Observação Participante; Análise Temática e Análise de Teoria Fundamentada.

Para a artista, o livro contribuiu para a sua formação estudantil, visto que trata de vários recortes dentro de um único campo de estudo. “Pude me aprofundar melhor a respeito das condições de gêneros dissidentes, fazendo uma conexão entre gênero, raça e classe. Alcancei espaços que antes eu não esperava”, conclui Iúna.

Thamyres Aquino



CONTOS DE BIXAS

Modalidade Projeto Artístico-Cultural . **Bolsista** Iúna Mariá Herminio de Paula *Pedagogia*

Orientador Professor Francione Oliveira Carvalho

EXPRESSÃO CORPORAL SEM BARREIRAS

Libertar o corpo das amarras sociais é o foco do projeto *Laboratório de Expressão Corporal*, realizado por Luiz Renato da Silva Filho, aluno do Bacharelado Interdisciplinar em Artes e Design. A proposta era incentivar os estudos do corpo e estimular os participantes às práticas corporais através de jogos e dinâmicas.



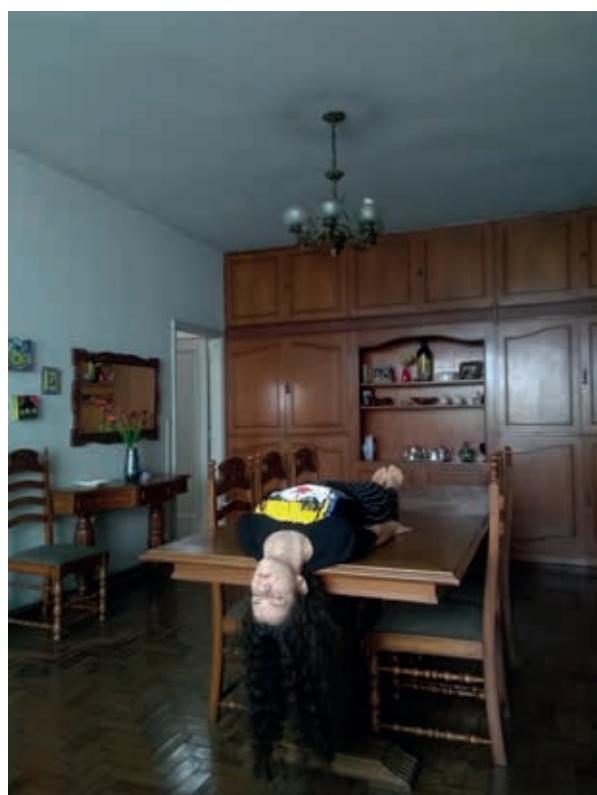
As relações entre corpo e espaço foram exploradas em dinâmicas de expressão corporal, autoconhecimento e exercícios de ressignificação ou mímica de objetos e ambientes

Inicialmente, a ideia era desenvolver o projeto de forma presencial. No entanto, devido à pandemia de Covid-19, foi replanejado para encontros virtuais, o que, segundo Luiz Renato, “acabou sendo bem proveitoso, por mais que a questão do contato pessoal fosse muito importante na prática da expressão corporal”.

Nos bate-papos entre bolsista e convidados em salas virtuais, foram debatidos temas como dança, performance e teatro, e como essas manifestações poderiam ser trabalhadas em dinâmicas e exercícios lúdicos, como brincadeiras ou jogos, a fim de estimular

a expressão corporal naquelas áreas. Durante os encontros também havia discussões e apresentações de artistas da área, com a intenção de incrementar o repertório pessoal dos participantes.

Além dos exercícios propostos para serem feitos em casa, as reuniões também contaram com o desenvolvimento de atividades adaptadas para as plataformas virtuais, onde eram produzidas em coletivo e a distância. Nos primeiros encontros, as discussões foram acerca do corpo e do espaço e as perspectivas de diferentes corporeidades vivenciadas nos ambientes em que cada um habita, sejam elas suas casas, as cidades nas quais residem ou as instituições que frequentam. Foram abordadas ainda noções do próprio corpo e autoconhecimento, além de limites, barreiras e constrangimentos vividos.



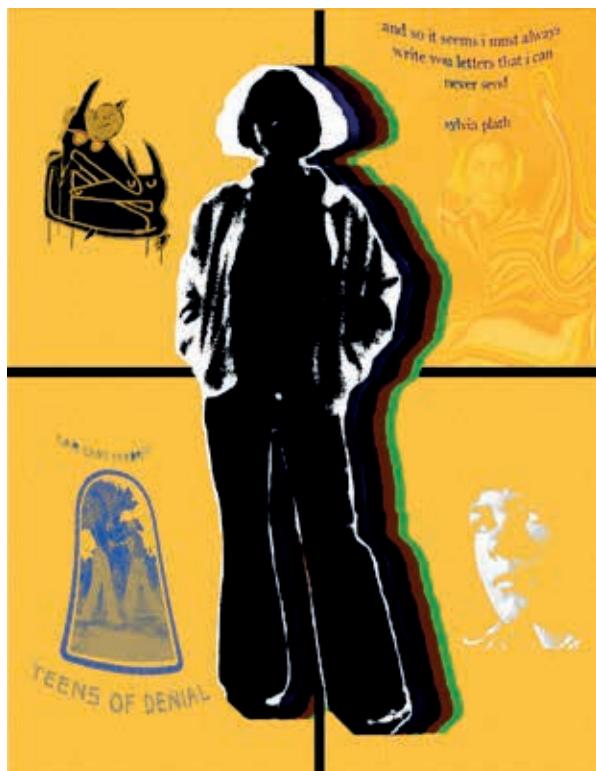
Com a proposta de refletir sobre como o espaço à nossa volta pode influenciar diretamente a maneira de se expressar, os participantes foram provocados a realizar exercícios de ressignificação de objetos e ambientes, como dormir no banheiro e se maquiar na cozinha. Tarefas de dramatização se seguiram a debates sobre teatralidades. Em um dos encontros, os participantes apresentaram propostas de performances, como leitura dramática e vídeo retrato, que deveriam ser realizadas por todos.

Apesar de certa timidez nos encontros iniciais, Luiz Renato afirma que, com o passar do tempo, se tornou “bem mais fluida a apresentação de todo mundo (...), pois quem não falava muito no início começou a falar mais no final, o que foi muito importante”. No último encontro, os participantes avaliaram os desafios e progressos vividos durante o Laboratório e compartilharam experiências e limitações no campo da expressão corporal.



Os participantes do Laboratório foram provocados a fazer tarefas de dramatização, como a fotonovela acima

“Uma das atividades que mais me atraiu foi a de interpretarmos um personagem. O exercício de atuação em frente à câmera me ajudou a perder um pouco do medo de falar em frente à câmera do celular”, relata



As atividades realizadas resultam na produção de farto material audiovisual e de imagens que demonstram o envolvimento dos participantes no projeto

Matheus Menezes, um dos participantes. “Por conta do exercício, eu consegui falar no Instagram pela primeira vez depois de dez anos de conta na rede social, tendo um retorno positivo dos que me acompanharam por lá. Isso me encorajou a não ter vergonha da minha própria voz, e a reconhecer que ela é tão normal quanto outras”, conclui.

Além de um grande material imagético e audiovisual resultante dos registros das atividades realizadas durante a oficina, o Laboratório trouxe para os estudantes da UFJF uma proposta pouco trabalhada durante a graduação do Bacharelado Interdisciplinar em Artes e Design.

Julia Coimbra

LABORATÓRIO DE EXPRESSÃO CORPORAL

Modalidade Projeto Artístico-Cultural . **Bolsista** Luiz Renato Nunes da Silva Filho **Bacharelado Interdisciplinar em Artes e Design**

Orientadoras Professoras Adriana Gomes de Oliveira e Rosane Preciosa Sequeira

REPRESENTAÇÕES DO FEMININO

UM DEBATE NECESSÁRIO



O projeto investigou a representação do corpo feminino na história da arte sob o ponto de vista das questões de gênero atuais

A estética presente nas expressões artísticas de corpo e arte varia a cada época e cultura, fazendo com que as representações do corpo feminino se tornem um debate necessário das questões de gênero na atualidade. Visto que o padrão artístico configura a imagem da mulher como um modelo alvo de pressão

estética cotidiana, principalmente em um cenário de “novo normal” pandêmico, o projeto *Mulher gorda na arte: a queda das representações e a reconstrução autorrepresentativa*, desenvolvido pela estudante de Artes Visuais Gabriela Gonçalves de Oliveira Maciel, levanta questionamentos sobre o rompimento de

barreiras e tabus impostos na contemporaneidade e resgata artistas mulheres gordas que utilizam o próprio corpo como manifesto pela liberdade.

Segundo a bolsista, o estudo reuniu informações sobre as artistas a fim de registrar a vivência dessas mulheres para a recuperação da autoestima e confiança na retomada do poder do próprio corpo, “sendo esse o maior objetivo da pesquisa, transformar a inquietação em pertencimento”. Os avanços nas buscas por artistas feministas levaram Gabriela a encontrar referências pioneiras nos estudos do corpo gordo, como Judy Freespirit, Kelli Jean Drinkwater, Sara Aldebaran, Karen Scott-Jones, Fernanda Magalhães, entre outras.



A libertação de padrões impostos é um passo para o empoderamento das mulheres

Todo o conteúdo adquirido foi transformado em publicações sobre história da arte e a vida e obra das artistas citadas através de uma identidade visual composta por ilustrações, fotografias e collagens voltadas para o público-alvo do projeto: mulheres artistas que buscam, por meio da representatividade, unir forças pela libertação do corpo feminino a partir de suas próprias manifestações artísticas.

Gabriela reitera o importante papel social que os estudos na área fomentam na autoestima das pessoas e na visão da sociedade: “[...] além de ricas informações, trocas e experiências sobre habitar um corpo que passa a ser político, e que serão de extrema utilidade para estudos posteriores sobre esse período de transformações sociais e corpóreas, foi possível oferecer um lugar comum e conforto através de uma rede de mulheres cada vez mais fortes que atuarão como catalisadoras da mudança cada vez mais profunda na sociedade”.

As oficinas oferecidas pela estudante promoveram pequenas foto-performances referentes aos relatos e pautas discutidas, que contou com a presença majoritariamente de mulheres, mas também de pessoas não-binárias e homens transsexuais. A troca de conhecimento e saberes nos encontros on-line gerou uma circulação das mais diversas referências, desde artistas, música, redes sociais, até profissionais da área da saúde não-gordofóbicos, entre outros. Os estudos sobre corpos gordos ganham cada vez mais relevância na questão do empoderamento feminino, libertando mulheres de padrões impostos e reafirmando sua existência.

Para Gabriela, além do saber adquirido, que por si só impacta positivamente, sobretudo por ampliar suas referências visuais, pesquisar a problemática da pressão estética e a relação com a expressão artística amplia sua visão de mundo como mulher gorda. “A sensação de pertencimento e de ter uma causa para defender contribui para a formação pessoal, além da formação acadêmica, tornando-me uma profissional empática e militante dos direitos básicos aos seres humanos”, afirma a estudante.

Natália de Miranda

MULHER GORDA NA ARTE: A QUEBRA DAS REPRESENTAÇÕES E A RECONSTRUÇÃO AUTORREPRESENTATIVA
Modalidade Projeto Artístico-Cultural . **Bolsista** Gabriela Gonçalves de Oliveira Maciel Bacharelado em Artes Visuais
Orientadoras Professoras Adriana Gomes de Oliveira e Rosane Preciosa Sequeira

A EXTERNALIDADE DA ALMA



Projeto buscou representar a condição humana dos fragilizados

Ao desenvolver o projeto *O corpo, a estética e o capital - A decadência da forma*, o bolsista Gilberto Medeiros buscou mostrar, através de obras de pinturas e esculturas, um paralelo entre a forma como o homem trabalha e utiliza seu próprio corpo para conseguir o capital para sua sobrevivência. A ideia é produzir uma exposição com videoarte, pinturas e esculturas, na expectativa de representar por meio da arte o impacto do desgaste físico e mental sobre o corpo humano.

Nesse sentido, artistas da vanguarda modernista do início do século XX serviram como referência para o projeto, em especial as pinturas e desenhos do pintor austríaco Egon Schiele, que retratam a condição humana e suas formas de representação do corpo nu através de personagens comuns. Assim como em Schiele, a decadência é objeto neste projeto e tem intenção de refletir a maneira como o corpo representa nosso estado interno e como externamos nossos sentimentos e anseios através desse invólucro.

Por isso, o objetivo foi trabalhar com os “excluídos da sociedade” como forma de retratar as pessoas que não conseguem se adaptar, seja por falta de capacitação,

oportunidade de trabalho digno, estudo, ou por outras condições ligadas ao momento atual da humanidade. Além disso, para realçar ainda mais a dimensão da decadência em seu trabalho, o estudante buscou mesclar seres humanos com animais sem “pedigree” na elaboração artística das obras. Para ele, animais como o cachorro caramel, o gato vira-lata, roedores e insetos, estabelecem uma correlação com a condição humana dos mais fragilizados, por se tratar de seres que também são invisibilizados.

O aluno desenvolveu seis obras, sendo três pinturas e três esculturas, nas quais utiliza o hibridismo como mote do trabalho. Dentre elas, “O homem besouro que baila” (foto na página ao lado), óleo sobre tela, é uma das obras mais bem elaboradas de seu projeto, na opinião do artista. A escultura “O bizarro gato bala puxa” (foto acima) funciona como uma luminária e traz também traços da arquitetura, segundo o autor.

É possível perceber que o projeto tem potencial para causar impacto em diversas áreas, principalmente com sua exposição ao levar quem a contempla ao desenvolvimento de um pensamento crítico sobre o tema proposto. A utilização do recurso em vídeo facilita o acesso ao material por meio das plataformas digitais e garante sua relevância ao ampliar seu alcance.

O bolsista também ofereceu uma oficina de ilustração digital on-line para a comunidade, ajudando outras pessoas a desenvolverem e melhorarem suas habilidades ligadas às artes visuais. Por fim, para a orientadora Patrícia Moreno, o processo de produção utilizado pelo aluno trouxe uma contribuição essencial para o mundo da arte, pois fomentou as discussões sobre o papel do vídeo enquanto instrumento de arte.

Camila Borges



Gilberto Medeiros desenvolveu pinturas e esculturas nas quais o hibridismo é uma marca do trabalho, como em "O homem besouro que baila"

O CORPO, A ESTÉTICA E O CAPITAL - A DECADÊNCIA DA FORMA

Modalidade Mediação Artística . **Bolsista** Gilberto de Souza Medeiros *Artes e Design*

Orientadora Professora Patrícia Ferreira Moreno

ALERTA CONTRA A DEVASTAÇÃO

Diante da devastação que define os cenários da Mata Atlântica no país, especialmente em Minas Gerais, o bolsista Ismael Honório da Silva, sob orientação da professora Renata de Oliveira, traz importantes registros artísticos e de pesquisa sobre o tema em seu projeto *Futuros Fósseis*. Juiz de Fora está no centro dessa proposta, que retrata parte da fauna e da flora típicas da área de floresta remanescente. O Tucano Toco, a Maritaca, o Mico-Estrela e o Morcego-da-Cara-Branca foram alvo da atenção do estudante, que optou por representar a Palmeira Juçara, a Quaresmeira, o Ipê Amarelo e a Embaúba a partir de processos de criação bidimensionais e tridimensionais.

Ele aborda questões como ecologia, paleontologia, espaço e tempo, além das consequências da intervenção humana na Mata Atlântica, utilizando linguagens técnicas como a pintura japonesa em nanquim, denominada Suibokuga, e os relevos escultóricos que simulam fósseis de seres ainda encontrados na natureza da cidade e da região. Essas linguagens artísticas proporcionaram um trabalho que evoca o passado, ao mesmo tempo em que evidencia o presente e reflete sobre o futuro do meio ambiente, a partir de uma amostragem local. Com o aprofundamento em campo dificultado pela pandemia, o aluno coletou espécimes e exemplares disponíveis em seu entorno.

A ideia foi também a de referendar a memória afetiva em relação às plantas e aos animais que protagonizam o projeto. Em termos práticos, o trabalho resultou em pesquisas, traduções e elaboração de duas apostilas capazes de esclarecer a técnica e conduzir novos processos de criação em nanquim. Outro saldo positivo



Relevos escultóricos produzidos pelo bolsista simulam fósseis de espécies da fauna e flora que se encontram ameaçadas hoje

foi a oferta da oficina “Métodos de Expressão: pintura Suibokuga e relevo escultórico”, realizada a partir dos materiais didáticos desenvolvidos pelo bolsista, que também produziu um vídeo, imagens fotográficas das obras e um breve conteúdo teórico sobre o processo nipônico utilizado.

“Os estudos iniciais abrangeram desde a primeira materialização experimental das pinturas até o reconhecimento das técnicas necessárias para a pintura Suibokuga e a busca por referências fotográficas e ilustrações científicas das plantas e dos esqueletos dos animais”, relata. Segundo Ismael, a escolha por esse tipo de caracterização vem do compromisso que essa arte japonesa apresenta ao proporcionar obras que homenageiam a natureza, se aprofundando bem além da simples representação. “Outro fator essencial para essa linguagem bidimensional é a possibilidade de expressão, mesmo dentro da rigidez técnica das pinceladas”.

Sobre a parte das esculturas, Ismael observa que, pela tridimensionalidade, são ideais para materializar

a simulação em foco. “Para os fósseis das plantas, foi necessário coletar galhos, flores e folhas, conservá-los entre papéis-jornal com um peso em cima, a fim de achatá-los. Em seguida, iniciando o processo escultórico, foi necessário estender uma ‘cama’ de argila, onde as plantas foram pressionadas. Foi sobre essa base que se derramou o gesso, criando o fóssil em alto relevo. O procedimento para os fósseis dos animais foi quase o mesmo, porém, a modelagem dos esqueletos precisou ser feita antes da impressão na argila”.

Para o bolsista, *Futuros Fósseis* possibilitou uma revisita a técnicas aprendidas em sala de aula, como a modelagem e a realização de relevos escultóricos, acrescentado o aprendizado de novas linguagens, como a *Suibokuga*. Esta foi a primeira vez que Ismael idealizou e desenvolveu um projeto de longa duração,

demandando tradução e montagem de materiais didáticos, assim como o exercício de criação artística a partir de pesquisas. “A expectativa é de que esse trabalho aja como o catalisador necessário para que as pessoas se preocupem mais com esses exemplares do bioma brasileiro mais devastado, ao imaginá-los como fósseis, perdidos no passado”, conclui.

A pesquisa de Ismael dá conta de que Juiz de Fora está inserida em um contexto de dados que apontam para o fato de que, em 2018, Minas Gerais liderava, pela sexta vez, o desmatamento, sendo contabilizados 3.379 hectares de florestas destruídas. Segundo dados da Fundação SOS Mata Atlântica e do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), Juiz de Fora aparece com apenas 11,18% da Mata Atlântica original.

Katia Dias



O projeto apresenta trabalhos realizados na técnica *Suibokuga*, pintura japonesa em nanquim

FUTUROS FÓSSEIS

Modalidade Projeto Artístico-Cultural . **Bolsista** Ismael Honório da Silva *Bacharelado em Artes Visuais*

Orientadora Professora Renata Cristina de Oliveira Maia Zago

VISUALIDADES SONORAS

O que é uma imagem? Costumamos restringir esse conceito aos limites do visual, mas uma imagem é muito mais do que a mera ideia de representações visuais. Em *Traduzindo o Brasil Modernista*, projeto desenvolvido no âmbito do Pibiart 2020, os bolsistas Ruy Pereira da Silva e Thainan Varges de Souza se propuseram a criar imagens sonoras de telas de pintores do Modernismo brasileiro, movimento artístico cujo centenário será celebrado em todo o país em 2022.

Com fundamentos da tradução intersemiótica, a dupla criou objetos sonoros, faixas musicais que expressariam a musicalidade de temáticas da pintura modernista, com seu enfoque sobre questões como a cultura e o povo brasileiros. A tarefa partiu de um levantamento bibliográfico sobre o período modernista para compreensão do contexto histórico-político e social, além de conhecer as trajetórias pessoais e artísticas de nomes como Cândido Portinari, Tarsila do Amaral, Di Cavalcanti e outros.

Uma referência para o trabalho foi a crítica musical de Mário de Andrade, escritor modernista que foi também um pesquisador de música, com ensaios e livros sobre o tema. A obra *O Brasil em uníssono e leituras sobre música e modernismo*, de Santuza Cambraia Naves, e títulos sobre semiótica e tradução interartes compuseram o acervo bibliográfico da pesquisa teórica.

As referências visuais da arte modernista foram melhor apreendidas a partir da categorização de temas frequentes nas obras estudadas, como casario, fauna brasileira, manifestações de fé, retirantes, paisagem, marinhas e outros. Alguns desses temas foram então escolhidos para realização da tradução intersemiótica na segunda etapa do projeto. As decisões criativas,

como relatam os bolsistas, consideraram tendências culturais e estéticas das músicas, tanto no período modernista quanto na contemporaneidade.

A fase de produção dos objetos sonoros – composição, gravação, mixagem e masterização – enfrentou o desafio do distanciamento social, com cada integrante (além de Ruy e Thainan, colaborou Nathan Duarte, aluno do IAD) trabalhando em um estado diferente. Os objetos sonoros foram produzidos por meio de software de produção musical, com melodias e letras desenvolvidas com a contribuição artística do grupo.



A categorização de temas presentes nas obras de artistas do modernismo brasileiro foi importante para a apreensão de referências visuais

Para divulgação da pesquisa e dos objetos sonoros, a equipe produziu podcasts abordando modernismo, música e semiótica e as faixas musicais resultantes das traduções intersemióticas, disponibilizados no Soundcloud e no YouTube. Na avaliação do orientador do projeto, professor Álvaro João de Queiroz, os desenvolvimentos, as decisões criativas e os resultados revelam o engajamento dos bolsistas e sua forte adesão às ideias elaboradas nas fases de sua concepção. "As implicações resultantes sugerem que o projeto



Os objetos sonoros criados a partir de traduções intersemióticas foram apresentados em podcasts disponíveis no Soundcloud e no YouTube

já é capaz de produzir um “novo” domínio criativo de exploração artística, com uma forte dimensão educacional”, conclui.

Em sua autoavaliação da contribuição do projeto para sua formação acadêmica, Ruy ressalta a aquisição de referências como muito importante para um artista, algo que o mergulho no modernismo lhe proporcionou. “Passar por isso durante a graduação amadurece muito nossa perspectiva acadêmica”, afirma ele em seu vídeo de depoimento sobre o projeto. “[...] a existência de editais como esse [o Pibiart] é decisiva nos caminhos acadêmicos tomados pelo estudante”, avalia.

Para Thainan Varges, participar do projeto lhe possibilitou explorar suas possibilidades como compositora e cantora, ao unir os estudos em artes visuais com sua atuação musical, além de representar aquisição e produção de conhecimento científico em uma área de seu interesse, valorização do currículo e possibilidade de crescimento.

Izaura Rocha

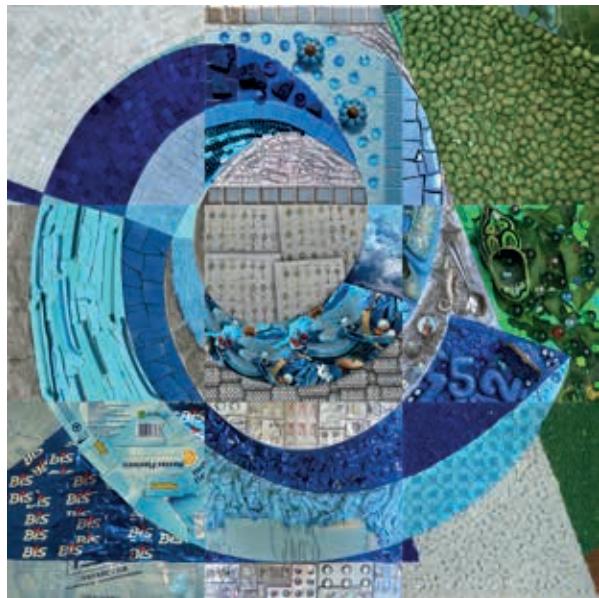
TRADUZINDO O BRASIL MODERNISTA: PRODUÇÃO DE OBJETOS SONOROS

Modalidade Projeto Artístico-Cultural . **Bolsistas** Ruy Pereira da Silva e Thainan Varges de Souza *Bacharelado Interdisciplinar em Artes e Design*

Orientador Professor Álvaro João de Queiroz

ARTE MUSIVA

Memória e a coletividade



“Tributo a Di Cavalcanti” foi um dos mosaicos realizados pelo Agrupa em homenagem a mestres do gênero

Dois dos mais expressivos projetos realizados pelo Coletivo Agrupa integram o trabalho realizado pelas bolsistas Bárbara Morais e Larissa Brito, que, sob a coordenação do professor Ricardo Cristofaro, participam de um registro amplo e pioneiro sobre a arte musiva na cidade. “Mosaico em Rede”, homenageando artistas que se dedicaram ao muralismo no universo local, e “Tributo a Guima”, reverenciando João Guimarães Vieira, trazem releituras aprofundadas a partir de pesquisas e reuniões, que resultaram em criações colaborativas em prol da memória cultural e afetiva de Juiz de Fora.

O caráter experimental proporcionou a troca de conhecimento em uma atividade que as bolsistas definiram como democrática, acirrando o sentido de coletividade. O “Mosaico em Rede” estabeleceu a realização de 13 painéis referenciando mestres como Cândido Portinari e Di Cavalcanti, além dos italianos naturalizados brasileiros Aldo Manfrói, Alfredo Mucci

e Ângelo Tanzini, que se somam a Mário Silésio, Niva Villela, Paulo Werneck, Guima, Tadeu Mattoso e Lígia Lacerda, além de artistas anônimos, como no caso do traçado no Calçadão da Rua Halfeld.

“Tributo a Guima” se origina na residência modernista de Frederico de Assis. O prédio da Rua Braz Bernardino, que chegou a abrigar o Colégio Magister, era um dos mais expressivos projetos arquitetônicos de Arthur Arcuri, contando com painéis em mosaico de João Guimarães Vieira e Mário Silésio. Com a demolição da casa, extinguiram-se também as obras de arte. No intuito de resgatar a memória de Guima, o Coletivo Agrupa elegeu o painel abstrato que ocupava uma das paredes para ser replicado na entrada principal da Reitoria da UFJF no Campus.



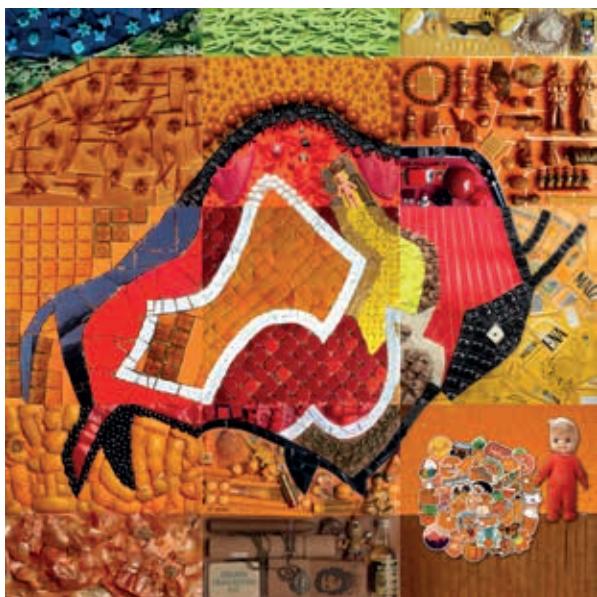
“Tributo a Guima” reproduz na Reitoria da UFJF o painel abstrato do artista que existia no antigo Colégio Magister

Ambas as propostas impactam no saber e no conhecimento levado à coletividade através da arte musiva, proporcionando à comunidade acadêmica e à sociedade em geral conhecer um pouco mais do passado arquitetônico, artístico e cultural que faz parte não apenas da memória local, mas da bagagem afetiva de diferentes gerações. Tanto o “Mosaico em Rede” quanto o “Tributo a Guima” pontuam a importância da preservação e da manutenção desses bens altamente significativos para a história da cidade.

As bolsistas destacam a aprendizagem e o aperfeiçoamento nas técnicas de muralismo, o estabelecimento de intercâmbios de projetos do grupo com outros artistas, inclusive do exterior, além da familiarização com os processos de participação em editais de incentivo e patrocínio, como foi o caso da lei federal 14.017/2020, conhecida como Lei Aldir Blanc,

que contemplou o “Mosaico em Rede”. Elas também ressaltam a atuação teórica e prática nas proposições artísticas projetadas e desenvolvidas pelo Coletivo, com registro dos trabalhos em material audiovisual.

Larissa observa que a bolsa representou uma oportunidade de estudo e aprendizado nas técnicas de mosaico e muralismo como um acréscimo em torno dessas linguagens artísticas, que não estão nas grades curriculares. “Ademais, a diversidade do grupo e, consequentemente, de perspectivas e ideias gera expressivos conteúdos, soluções e possibilidades para cada atividade, enriquecendo ainda mais essa experiência na qual a coletividade é sempre priorizada”.



Painel reverencia Alfredo Mucci, outro autor de mosaicos importantes em Juiz de Fora

Na série “Mosaico em rede”, o primeiro painel traz uma releitura de “Quatro estações”, de Cândido Portinari, que ornamenta a parede externa do Edifício Clube Juiz de Fora. O segundo presta uma homenagem ao trabalho de revestimento em pedra portuguesa realizado há mais de meio século em toda a extensão dos passeios da Avenida Presidente Itamar Franco. A terceira obra

reverencia o traçado de pedras portuguesas ao longo de todo o Calçadão da Rua Halfeld, enquanto na quarta edição do projeto, o Edifício Clube Juiz de Fora entra em cena com o rondô de “Cavalinhos”, também de Portinari.

O quinto e o sexto trabalhos desse projeto reverenciam João Guimarães Vieira e Mário Silésio, respectivamente, pelos murais realizados no antigo imóvel, posterior Colégio Magister, da Rua Braz Bernardino. O sétimo painel referenda a produção de Alfredo Mucci, que legou aos juiz-foranos “A evolução da moeda através dos tempos”, mural com dois painéis instalados nos pavimentos térreos da Rua Halfeld 422, e no saguão de entrada do prédio ao lado, o Condomínio do Edifício Banco Mineiro da Produção. A oitava incursão do grupo teve como alvo Ângelo Tanzini, com dois mosaicos na Paróquia Bom Pastor.

A obra seguinte, a nona, reverencia Niva Villela a partir de dois painéis com placas de cerâmica esmaltadas ainda existentes na fachada e no interior do Hospital Silveira Ramos, na Rua Halfeld 1400. No décimo segmento, o alvo é o Marco do Centenário de Juiz de Fora, de Di Cavalcanti, na Praça da República. Na 11ª edição, o tributo é direcionado a Aldo Manfrói, que se dedicou à arte musical em contribuições como o “São Sebastião” e a “Santa Ceia” na Catedral. Ainda há um terceiro mosaico, “Leda e o Cisne”.

O 12º episódio revisita o mosaico realizado por Tadeu Mattoso e Ligia Lacerda no muro lateral de uma edificação da Avenida Rui Barbosa 445. A última etapa desse mapeamento histórico refere-se a Paulo Werneck, responsável pela utilização pioneira do mosaico cerâmico em empenas cegas e inúmeras outras superfícies. É importante lembrar de sua participação em parcerias como a que perpetuou os já mencionados cavalinhos de Cândido Portinari no Edifício Clube Juiz de Fora.

Katia Dias

COLETIVO AGRUPA

Modalidade Grupo Artístico . **Bolsistas** Bárbara Morais de Paula *Licenciatura em Artes Visuais* e Larissa Ribas de Brito *Artes e Design*

Orientador Professor Ricardo Cristofaro

MULHERES ARTISTAS

Uma Proposta Curatorial

A exposição virtual “Corpo Profano” é resultado do projeto “Arte, Gênero e América Latina: Uma análise expográfica”, desenvolvido no âmbito do Pibiart pela discente do curso de licenciatura em Artes Visuais Camila Vitório, com foco no sistema artístico brasileiro e seu espectro de particularidades sociais e culturais. Para isso, a autora parte da análise da exposição “Mulheres Radicais: Arte Latino-americana (1960-1985)”. A montagem foi realizada na plataforma de realidade virtual para exposições Artsteps e permitiu refletir sobre curadoria/expografia através do âmbito virtual.



Através do aprofundamento conceitual em questões específicas, como gênero, formação social da América Latina e o papel das mulheres nas artes visuais, o projeto teve como objetivo o desenvolvimento de uma proposta curatorial, baseada no contexto brasileiro contemporâneo.

A artista relata que, após o processo de análise da bibliografia e das fontes, a questão da produção ligada ao corpo – e a sua compreensão quanto à célula política,



o surgimento de novas poéticas e a experimentação de novas materialidades - demonstrou-se expressiva. A partir disso, surgiu a pergunta: *Ocorreu uma transformação iconográfica na representação do corpo realizada pelas mulheres artistas latino-americanas?* E a resposta, segundo Camila, é que existem lacunas no processo de pesquisa na história da arte, e que certas narrativas permanecem apagadas.

Como parte das atividades da exposição, foi realizada uma roda de conversas, com a participação das convidadas Vanessa Raquel Lambert, Renata Zago [orientadora do projeto] e Thamara Venâncio, com os temas: “Como o arte-educador pode dialogar sobre gênero e raça?”; “Mulheres artistas e história da arte: quais as estratégias contemporâneas no combate à invisibilização?”; e “Como construir uma prática curatorial ativista”.



A exposição “Corpo Profano” foi realizada em plataforma de realidade virtual para mostras de arte visual



O objetivo da pesquisa e da montagem da mostra virtual foi desenvolver uma proposta curatorial inclusiva com foco em mulheres artistas

Camila reforça que dentre os fatores de impacto social da pesquisa está “a diminuição das lacunas historiográficas referentes às mulheres artistas no cenário artístico brasileiro em um recorte regional”, o que configura uma ação indispesável para a construção do ambiente institucional artístico igualitário. Outro resultado é a criação do perfil no Instagram @corpoprofano, além da exposição virtual.

A artista destaca que a obra foi capaz de promover o acesso à criação artística no cenário pandêmico, permitindo a experiência sensorial de observar, através da simulação dos espaços expositivos físicos. “Arte, Gênero e América Latina” possibilita a reflexão sobre as

diversas formas de construção da “feminilidade”, para além dos binarismos e essencialismos, conclui Camila.

Para sua própria formação, Camila considera que a realização da pesquisa lhe proporcionou compreensão do processo de seleção, expografia e curadoria nas instituições culturais, caros para seu desenvolvimento profissional, além de ampliação de referências no campo das artes em termos bibliográficos, de artistas e obras, e reflexão sobre “como posicionar-se atitudinalmente enquanto profissional na área da cultura, a fim de ter uma postura que respeite e garanta a inclusão da diversidade”.

Thamyres Aquino

ARTE, GÊNERO E AMÉRICA LATINA: UMA ANÁLISE EXPOGRÁFICA

Modalidade Projeto Artístico-Cultural . **Bolsista** Camila Vitório Siqueira *Licenciatura em Artes Visuais*

Orientadora Professora Renata Cristina de Oliveira Maia Zago

RETRATOS DE FAMÍLIA



O média-metragem discute o conceito de família a partir de narrativas contidas em retratos familiares e da captação de entrevistas com diferentes gerações de mulheres

Com a proposta de fazer um questionamento sobre os narradores de registros familiares, partindo do pressuposto de que a fotografia, como muitas outras atividades, por décadas foi predominantemente exercida por homens, a bolsista Julia Bioni, estudante de Arquitetura e Urbanismo, idealizou o projeto *Os narradores e as narrativas dentro dos retratos familiares*. Para sua surpresa, ela encontrou uma nova perspectiva para o seu trabalho: famílias que, mesmo publicamente patriarcais, possuíam uma estrutura íntima muito mais voltada às mulheres.

A ideia era abordar relacionamentos afetivos a partir de fotografias familiares, considerando como o conceito de família se modificou ao longo dos anos, e produzir um documentário ao final da pesquisa. A produção audiovisual, porém, enfrentou as limitações do contexto pandêmico. Inicialmente a intenção era trabalhar com três famílias diferentes,

residentes na Zona da Mata mineira, desenvolvendo um diálogo que buscava entender como se dava o processo de realização dos registros fotográficos. Contudo, devido às circunstâncias, ficou inviável contemplar as três famílias, e o projeto acabou abarcando apenas duas delas.

A bolsista aproveitou o período de isolamento para aprofundar suas pesquisas bibliográficas, consultar referências e aguçar sua criatividade. “A readaptação do projeto foi inevitável, e, após meses sem possuir segurança para as captações, finalmente consegui dar prosseguimento às entrevistas”, relata a estudante. Para seu média-metragem, Julia teve que trabalhar com uma equipe reduzida e se desdobrou para operar três câmeras e equipamentos com somente uma pessoa para auxiliá-la. Ela também foi responsável pela roteirização, o contato com as famílias e a edição do material.



O interesse pelo cinema documental motivou a bolsista Julia Bioni a persistir no desafio de realizar seu filme durante a pandemia

O resultado é o média-metragem *O que a memória não esqueceu*, focado em uma família com três e outra com quatro gerações, que investiga uma seleção de cinco fotos de cada e reúne relatos orais, agrupados em blocos de temas comuns entre eles. O documentário busca, em diferentes gerações de mulheres, fazer uma discussão do conceito de família, além de tornar o contexto social mais claro, abordando amizade, infância e relacionamentos afetivos através dos registros familiares.

Num mercado onde se tem cada vez menos patrocínios, dificuldades de acesso aos investimentos públicos, além de outros cortes, algo se faz necessário para tirar uma ideia do papel. Os filmes com baixo ou nenhum orçamento enfrentam o desafio de produzir algo com qualidade com os materiais disponíveis.

Julia, que já se interessava pelo cinema documental independente, “de guerrilha”, se viu desafiada na produção do seu material audiovisual. “Acredito que a experiência obtida através deste projeto de iniciação [artística] ampliou não apenas minhas técnicas dentro do audiovisual, visto que tive oportunidade de gravar com equipamento profissional, mas também as ferramentas que venho descobrindo dentro da antropologia atreladas ao suporte fílmico”, afirma. O conhecimento adquirido na bolsa foi compartilhado por Julia através da oficina “Cinema Documentário com baixo orçamento”, em que foram apresentadas técnicas para ajudar na realização de filmes.

Anna Julia Lourenço

OS NARRADORES E NARRATIVAS DENTRO DOS RETRATOS FAMILIARES

Modalidade Projeto Artístico-Cultural . **Bolsista** Julia Mania Lardo Bioni *Arquitetura e Urbanismo*

Orientadores Professores Carlos Francisco Perez Reyna e Marcos Olender

MONUMENTO AOS CORPOS AUSENTES



A pesquisa propõe releituras históricas por meio de narrativas visuais que discutem apagamentos motivados por preconceitos e xenofobia

O que é um monumento? Que histórias suas pedras empilhadas contam? Viver alguns meses em Portugal, entre 2019 e 2020, enquanto estudava Cinema na Universidade da Beira Interior, pelo Programa de Intercâmbio Internacional de Graduação da UFJF, despertou tais questionamentos em Matheus Assunção, aluno da licenciatura em Artes Visuais, que assina como Terra Assunção.



A experiência do aluno durante intercâmbio em Portugal embasa suas produções artísticas em diferentes suportes

Deparar-se com o Padrão dos Descobrimentos, um monumento soberano em seus 56 metros de altura, às margens do Rio Tejo, em Lisboa, que homenageia tempos gloriosos de Portugal como pioneiro marítimo, foi o ponto de partida para Assunção executar *Travessias*, seu projeto de iniciação artística (Pibiart) que inclui produções em diversos suportes no campo das artes visuais, a partir de arquivos e experiências adquiridas durante a viagem.

Embora o monumento lusitano louve histórias conhecidas, há outras milhões que foram esquecidas. “Por estudar o colonialismo de maneira crítica há alguns anos, me debrucei em uma investigação sobre os monumentos da cidade [Lisboa] e os possíveis apagamentos gerados por processos históricos, como a imigração, a xenofobia, os estereótipos, as sexualidades e gêneros dissidentes”, explica Assunção.

A pesquisa de caráter etnográfico foi embasada em intelectuais que investigam a temática da decolonização e da imigração, e resultou em uma releitura crítica artística, estética e histórica: Terra Assunção propôs a criação de sua própria obra, o “Monumento aos Corpos Ausentes”, que não almeja ocupar enormes espaços ou tornar-se perpétuo, mas exige estar presente e gerar reflexão.

A instalação era um simulacro de barco, erguida tijolo por tijolo, pelas mãos da artista, na varanda de casa, em uma releitura do monumento português com formato de caravela se lançando ao mar. As cortinas



Terra Assunção constrói seu “Monumento aos corpos ausentes” (um simulacro de barco), instalação que depois é destruída para simbolizar a luta por justiça

azuis que simulavam o mar, os azulejos que adornavam o produto cerâmico e as plantas Espada de São Jorge no exterior da “embarcação” foram elementos concebidos com o objetivo de louvar os heróis das resistências, os povos negros e os originários das terras brasileiras.

As 32 estátuas do monumento lisboeta que representam navegadores da história dos descobrimentos, dentre eles Infante Dom Henrique, Vasco da Gama e Pedro Álvares Cabral, deram lugar à figura do pesquisador de corporeidades nas artes visuais, Augusto Henrique, que realiza uma performance interagindo com o espaço e com o monumento, representando as vivências enquanto um corpo negro. Ao fim, as mesmas mãos que criaram também levaram à ruína. A marteladas, a instalação foi destruída pelo artista, como forma de simbolizar que esteve ali em busca por justiça e memória.

O momento de reflexão sucedeu a intensa etapa de criação. De todo o processo surgiu uma videoarte

do percurso para a concepção do monumento, videoinstalações de manipulações, e visualidades produzidas e expostas virtualmente. O projeto foi finalizado com uma oficina aberta ao público, em conjunto com Paula Duarte e Iúna Mariá, estudantes artistas participantes do Pibiart, para fortalecer a produção artística e promover a interdisciplinaridade entre os trabalhos.

“Travessias é um projeto de extrema importância, não apenas artística, mas histórica e epistemológica. Por meio do amplo acesso virtualmente, espero que o viés crítico sobre o passado colonialista dos países europeus, em especial, Portugal, possa ser acessado por um grande público, promovendo uma reflexão contemporânea sobre questões de decolonialidade”, reflete Terra Assunção.

Caroline Crovato

TRAVESSIAS

Modalidade Projeto Artístico-Cultural . **Bolsista** Matheus Assunção Braz Monteiro *Licenciatura em Artes Visuais*
Orientador Professor Francione Oliveira Carvalho

IMPRESSÕES DO MUNDO NO PAPEL

Por meio da abordagem dos conceitos básicos da representação gráfica, tais como a compreensão da perspectiva como forma de ilustração de objetos, de construções e da natureza, a bolsista Mariane Atalaia Kling desenvolveu o projeto *Oficina de Representação Gráfica*, buscando compartilhar, de forma acessível, suas experiências com os participantes das oficinas, ao se aprofundarem no estudo das formas tridimensionais do desenho e despertando a criatividade deles. A estudante acredita que o desenho à mão livre sempre foi uma importante forma de comunicação e expressão, por ser uma linguagem que possibilita clareza entre o pensar e seu respectivo gesto.



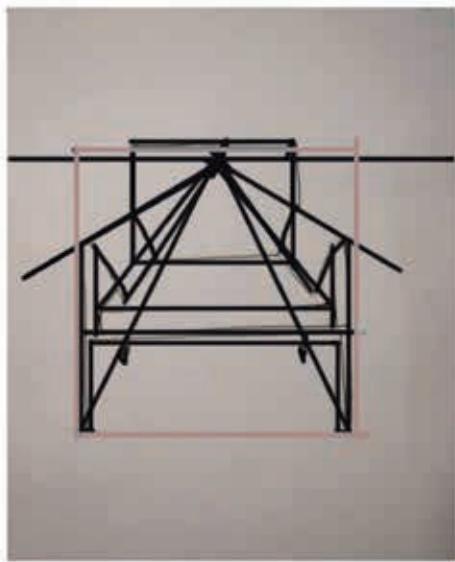
O desenho à mão livre foi tema da oficina, que demonstrou sua utilização na arquitetura e no design e trabalhou aspectos como aplicação de texturas e cores (fotos acima e ao lado)

O projeto seguiu uma metodologia que buscou, a princípio, uma breve exposição do que é a representação gráfica e qual a sua importância nas áreas de arquitetura, design e afins. Em seguida, foram apresentados conteúdos focados na parte prática,



com tempo para o desenvolvimento das atividades e para sanar possíveis dúvidas dos participantes. Os encontros síncronos foram realizados por meio da plataforma Google Meet, com duração de uma hora cada, e o acesso era através de links previamente enviados por e-mail. Também foram disponibilizados materiais de apoio na plataforma Google Classroom. Nessas atividades, foram trabalhados exercícios de desenhos de sólidos geométricos - que transmitem a ilusão de objetos tridimensionais ou bidimensionais -, de memorização, desenho de observação e criativo, e aplicação de texturas, volume, luzes e cores, tendo como referência móveis, arquitetura ou objetos artísticos para a compreensão do conceito de representação.





O projeto se desdobrou em duas oficinas, uma delas com foco na representação por perspectiva

Para que o conteúdo fosse abordado da forma mais objetiva possível e visando ao máximo aproveitamento por parte dos interessados, o projeto foi dividido em duas oficinas: uma teve como foco a representação por perspectiva; a outra abordou a representação de tonalidades, texturas e cores. A princípio, cada oficina durava cinco encontros, com maior espaço de tempo entre eles. Todavia, algumas pessoas desistiam e não iam até o final, o que levou a bolsista a optar por reduzir cada oficina para três encontros, resultando em uma adesão muito maior. “Eu tive mais quantidade de inscritos, os quais permaneciam até o final”, relata.

Além de ótimas entregas e uma clara compreensão da proposta por parte dos participantes, Mariane aponta que o projeto possibilitou uma boa interação, apesar da distância entre eles, bem como a troca de saberes, visto que ela não apenas ensinou às pessoas os conhecimentos adquiridos com seus estudos, mas também absorveu muito com a experiência, o que a

estimulou a querer ainda mais ensinar e compartilhar tudo o que aprendeu. Para Mariane, essa troca, “nesse momento de crise causada pela pandemia do novo coronavírus, se torna fundamental. Sendo assim, existem benefícios tanto ligados à criatividade e à cultura quanto às relações sociais”, destaca.

Os *feedbacks* que recebia dos alunos ao final de cada oficina foram primordiais para a evolução de sua didática. Além disso, a estudante ressalta os desafios de preparar uma aula que motive, chame a atenção e seja construtiva, além de confeccionar material e preparar atividades. Por fim, vale destacar como o desenvolvimento da comunicação com participantes de diversas idades foi enriquecedor para sua formação estudantil, levando em conta a necessidade de uma linguagem de fácil compreensão para todos.

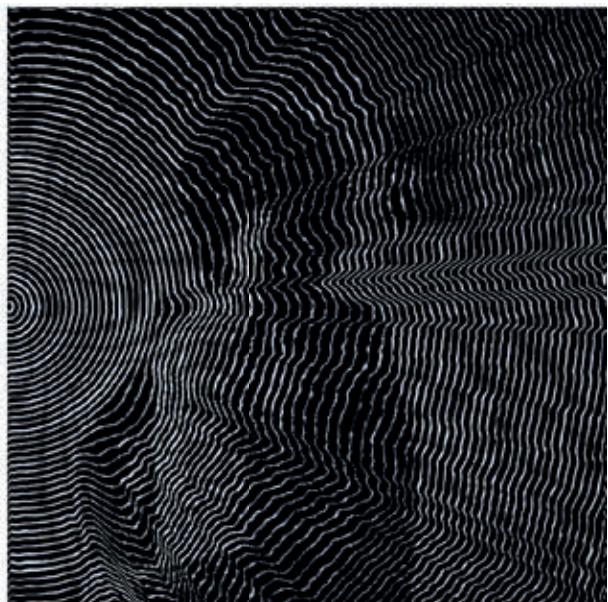
Ismael Crispim

OFICINA DE REPRESENTAÇÃO GRÁFICA

Modalidade Projeto Artístico-Cultural . **Bolsista** Mariane Atalaia Kling **Bacharelado Interdisciplinar em Artes e Design**

Orientador Professor Marcus Vinicius Medeiros Pereira

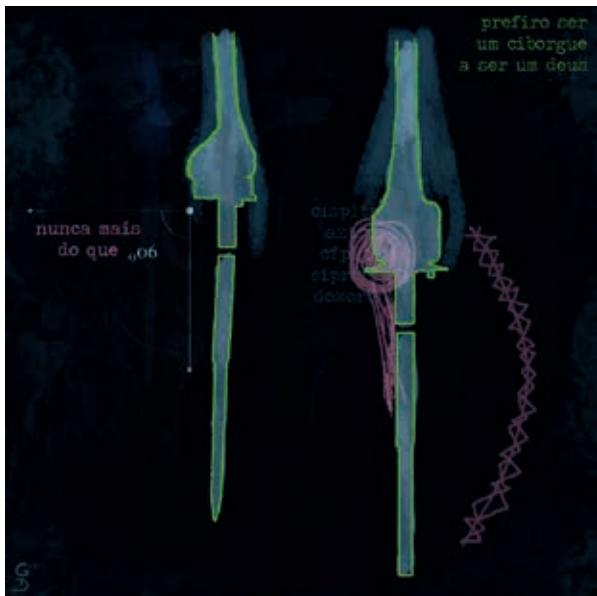
ARTE CONTEMPORÂNEA EM DEBATE



Obras da exposição “totem | tabu”, uma das quatro mostras virtuais realizadas pelo laboratório no âmbito do Pibiart

Como é ser artista numa era em que a visualidade tem sua maior plataforma no meio digital? Questões que dizem respeito às relações entre arte, mídia e tecnologia são algumas das principais preocupações do Orfia Laboratório de Transmutação Visual, um espaço teórico e prático sobre a produção contemporânea de arte, tema do projeto desenvolvido pelo aluno João Gabriel Cendretti Rodrigues com o apoio do Pibiart.

Pensado para ser realizado presencialmente, com a promoção de seminários expositivos e oficinas de experimentação e manipulação gráfico-visual, o projeto teve que se ajustar às condições da pesquisa remota, devido à pandemia de Covid-19. A correção de rumo, porém, não prejudicou o andamento do trabalho. Ao contrário, sensível ao meio digital, como afirma no relatório final o orientador do projeto, professor Luís



Obra do artista Guilherme Duarte para a exposição "ARS E_ON", realizada pelo Orfia

Cláudio Costa Fajardo, o Orfia adaptou-se muito bem a ele reconduzindo os encontros e os debates para as plataformas digitais e "abordando temas, conceitos pertinentes à estética da contemporaneidade".

Foi criado um site para o laboratório, e os conteúdos produzidos ao longo de um ano de estudos e experimentações artísticas também foram disponibilizados on-line em espaços como Instagram e YouTube, como as "apostilas visuais" reunidas na midiateca do site. O aluno estabeleceu três focos de ação: curadoria, educativo e a Galeria ÆON, espaço dedicado aos resultados das propostas práticas do educativo, com apresentação de exposições virtuais dos participantes dos cursos.

Como a proposta de priorizar a troca de saberes, e por isso mesmo apresentando-se como um laboratório, o Orfia foi um dos projetos da edição que mais ofereceu oportunidades de discussão e ampliação do repertório dos participantes sobre arte contemporânea: cinco oficinas, duas *lives* no Instagram, uma mesa redonda, um cine-debate e quatro exposições virtuais, incluindo

a participação de pesquisadores e artistas convidados, alguns deles também bolsistas do Pibiart. Mais de cem pessoas participaram das oficinas, e diversos artistas de Juiz de Fora e do Brasil foram apresentados nas mostras virtuais, num total de 66 obras expostas no site e no Instagram do Orfia.

O bolsista ficou satisfeito com a adesão às atividades realizadas e, principalmente, com a complexidade do debate que elas provocaram entre os participantes, "abrindo espaço para discussões mais profundas dos embates contemporâneos" em torno da produção artística. Aluno e orientador também avaliam a repercussão na formação do próprio bolsista. Para o professor Luís Cláudio Fajardo, o impacto na experiência acadêmica foi notável: "[...] o bolsista não apenas levantou questionamentos acerca de sua formação como também fez do revés da emergência pandêmica uma oportunidade de elaborar laços entre pessoas com objetivos criativos e estéticos em comum extrapolando as experiências acadêmicas oferecidas pelo Ensino Remoto Emergencial de sua graduação em Artes Visuais".

Para João Gabriel Cendretti, a pesquisa também colaborou para encaminhar seu trabalho de conclusão de curso para pensar as relações entre visualidade, tecnologia e contemporaneidade. "Também trouxe uma inquietação de desenvolver isso pensando no Instituto de Artes e Design, que embora tenha algumas disciplinas relacionadas a isso, num contexto geral não há uma grande produção de arte que reflete os embates tecnológicos da contemporaneidade." Nesse vácuo, segundo ele, o Orfia passou a acolher os que têm interesse na área e estão expandindo sua pesquisa para esse nicho nos campos artístico e acadêmico.

Izaura Rocha

ORFIA - LABORATÓRIO DE TRANSMUTAÇÃO GRÁFICA

Modalidade Projeto Artístico-Cultural . **Bolsista** João Gabriel Cendretti Rodrigues *Bacharelado Interdisciplinar em Artes e Design*

Orientador Professor Luís Cláudio Costa Fajardo

ARTE GRÁFICA EM TRANSFORMAÇÃO



Produção gráfica poética da bolsista Maria Julia Ourique

O período entre o início do século XX e a virada do segundo milênio foi marcado por uma sucessão de modificações nas práticas gráficas. Motivada por explorar a Palavra na arte durante essa era, e mapear sua representação como signo verbal e como composição sintática, sonora, cromática e formal, Maria Julia Ourique criou o projeto *Vicissitudes Gráficas: a Palavra*.

A estudante de Artes e Design tomou como ponto de partida a delinearção de uma rota histórica dos desdobramentos gráficos. O estudo começou pelas vanguardas estéticas históricas de artistas do século passado, transitando pelas experimentações pós-modernas nas décadas 1970 e 1980, percorrendo o surgimento do digital na arte durante os anos 1990, até chegar às obras contemporâneas, analisando diversos materiais, como poemas, cartazes, livros e zines.

O resultado dessa pesquisa teórica fomentou a elaboração do curso “Rupturas Gráficas”. As reuniões mediadas pela bolsista do Pibiart tinham como objetivo promover um espaço para troca de conhecimento, diversificar o repertório visual dos participantes e aprofundar o diálogo entre as práticas gráficas significativas, com enfoque na tipografia. Como referências para as contextualizações, foram selecionados alguns artistas e trabalhos, dentre eles caligramas de Apollinaire, poesias de Mallarmé e tipografias expressivas em cartazes pós-modernos.

O evento aconteceu em formato on-line, adaptado devido à pandemia, mas a participação do público não foi prejudicada. Maria Julia encara positivamente os resultados, visto que estudantes de outras áreas de atuação e pessoas que não residem em Juiz de Fora se interessaram e também tiveram a oportunidade de participar.

Após a exploração das diversas circunstâncias da palavra, foi proposta a criação de um material gráfico



Material de divulgação do curso “Rupturas Gráficas”



Trabalho de João Gabriel Cendretti como participante do curso

ao fim do curso, que proporcionou aos participantes aplicar o conteúdo e as ferramentas que conheceram durante os encontros, por meio da produção individual de uma zine ou de um pôster em suporte impresso. O curso foi ofertado em colaboração com o Laboratório de Transmutação Visual - Orfia, outro projeto do Pibiart, que disponibilizou a plataforma e galeria ÆON para o curso e para a exposição virtual dos trabalhos resultantes no segundo semestre de 2021.

Paralelamente a tais atividades, a bolsista desenvolveu um projeto independente e pessoal: uma produção gráfica poética. Ao colocar-se na posição de ouvinte, propôs recontar memórias afetivas da comunidade, traduzindo e materializando para o meio visual os relatos feitos por chamadas de vídeo, ligações e mensagens virtuais durante o momento pandêmico. Cada participante foi presenteado com a produção

elaborada pela estudante, como forma de estreitar laços com as pessoas e aproximar-as para as potências afetivas, políticas e reconfortantes que existem na arte.

Maria Julia relembra que várias vezes foi levada a questionar seu papel enquanto pesquisadora e artista durante a pandemia. Democratizar e converter o conhecimento adquirido durante a bolsa em um curso que atendeu interesses de semelhantes, e realizar um projeto pessoal que aproximou pessoas da produção poética, manifestaram-se como uma resposta para tais inquietações. “Esses trabalhos trouxeram benefícios tanto para quem recebeu o que eu produzi e transmiti, com afeto, mas também para mim, que amadureci durante o processo e vivi uma experiência enriquecedora”, conclui.

Caroline Crovato



Obra de Kayo Medina produzida durante participação no curso

VICISSITUDE GRÁFICA - A PALAVRA

Modalidade Projeto Artístico-Cultural . **Bolsista** Maria Julia Ourique Xavier Bacharelado Interdisciplinar em Artes e Design
Orientador Professor Luiz Claudio Costa Fajardo

TUDO É MÚSICA

Vivemos em um mundo repleto de sons e somos rodeados de combinações harmoniosas que se transformam em uma manifestação artística universal: a música. Realizada em pequenos ou grandes grupos, usando a própria voz ou tocando instrumentos, e até mesmo desempenhando papel de trazer vida a personagens de uma narrativa, a música está presente em diversos projetos contemplados nas modalidades Grupos Artísticos e Mediação Artística.



O Comus oferece aos participantes colocar em prática o conhecimento teórico sobre a música de câmera

O Grupo de Câmara Comus traz a prática de música de câmera para o Pibiart. O gênero define-se como uma reunião instrumental com diversas possibilidades de formação e número reduzido de músicos, que executam apresentações em espaços menores, numa atmosfera mais íntima. Um dos agrupamentos mais conhecidos é o quarteto de cordas. Alice Werneck, na guitarra, Pedro Verly, no cello, Helio Castro, tocando violão e cajón, e Alexandre Leal, com a guitarra híbrida e tradicional e o baixo elétrico, compõem essa formação. Os alunos de Música apresentam música de câmara popular contemporânea e “erudita”, utilizando técnicas específicas como instrumentais estendidas, polirritmia e microtonalismo. Para a bolsista Aline Werneck, “a participação no grupo é uma possibilidade enriquecedora de colocar em prática as habilidades performáticas, que são tão importantes quanto o conhecimento teórico aprendido em sala de aula”.

Os integrantes do grupo se dedicam ao estudo das características da composição e à produção de arranjos inéditos a serem ensaiados, performados e gravados remotamente, em casa, com estilo caracterizado pela informalidade e leveza “pop”. Depois de realizada a pós-produção, onde era trabalhada a edição, mixagem e masterização do áudio, os vídeos eram divulgados de forma on-line nas redes sociais. Pedro Verly reforça a importância do projeto em seu desempenho atual e futuro: “Busquei estratégias interessantes a nível de expressão para cada música, expandindo as técnicas do violoncelo. As considerações do professor expandiram minha maneira de pensar, e com certeza influenciarão em próximos arranjos e projetos”.

Todos desempenharam papéis de instrumentistas, regentes e arranjadores, com ênfase nas cordas dedilhadas e suas técnicas estendidas, e na composição musical inserida na música instrumental e MPB. Em quartetos e duos, arranjos clássicos fizeram parte do repertório do Grupo Comus, como *Emoriô*, de João Donato e Gilberto Gil, *Ponta de areia*, de Milton Nascimento, *Alexandre, Marcelo e Pablo*, de Nenê Baterista e Hermeto Pascoal, e *Berimbau*, de Baden Powell. O voluntário Hélio Castro reforça que, além do ganho individual, também houve um benefício coletivo: “Um dos nossos objetivos era valorizar a música e a cultura brasileira. Ao final, conseguimos disponibilizar para a comunidade arranjos em alto nível de músicas que reforçam a brasiliidade em nossa arte”.

CORAL E ORQUESTRA PRÓ-MÚSICA

Diferente da música de câmara, que reúne um número menor de instrumentistas, o Coral e a Orquestra Sinfônica Pró-Música, regidos pelo maestro Victor Cassemiro, são compostos por diversos músicos motivados por um objetivo em comum: difundir a música erudita de forma gratuita para a população de Juiz de Fora. Durante o período de isolamento social,



Os bolsistas do Coral e da Orquestra Sinfônica Pró-Música participaram de projetos como o Carnaval Virtual e Operando - Edição Virtual

os bolsistas Lizandra Romano (violoncelo), Letícia Almeida (canto), Maria Francisca Martins (primeiros violinos), Isabela Fachinetto e Giovanna Souza (flautas), Edwirges Margarita Apolinário (flauta transversal) e Hiago Bondim (saxofone), levaram virtualmente a música para a casa das pessoas.

Os bolsistas realizaram pesquisas de repertório, transcrição de partituras e postagens nas mídias sociais da Orquestra de materiais gráficos para a divulgação de eventos virtuais, criados pela aluna de Artes e Design Camila Marques. Além disso, ela também editou videoaulas de teoria musical e vocal, produzidas pela bolsista Letícia Almeida, que trabalhavam técnicas de saúde vocais, aquecimento corporal, exercício de respiração e vocalizes. Segundo a estudante, o objetivo era transmitir didaticamente o conhecimento adquirido na graduação, ajudando os demais coralistas do grupo a manter a qualidade da voz e sanar possíveis dificuldades em relação ao repertório.

Além de executar mais de 20 peças musicais, uma montagem inédita da música *Viva la Vida*, em conjunto com o Bloco Come Quiet, e do Carnaval Virtual, o grupo desenvolveu a prática de orquestra

para 1.500 pessoas, durante o projeto *Operando - Edição Virtual*, apresentando trechos de sete óperas. Compondo o coro, Letícia Almeida reforça a importância de superar desafios e realizar o evento: “Foi uma oportunidade de levar a música até a comunidade, no aconchego de suas casas, e ao mesmo tempo transmitir um pouco do conforto e alegria que ela proporciona ao coração das pessoas”.

Estudante de Psicologia, Isabela Fachinetto participa da Orquestra há 5 anos. A bolsista relata que, apesar dos obstáculos enfrentados, há um que sobressaiu no contexto da Covid-19: “A maior dificuldade de todas foi tocar sozinha em casa. Estar reunido com a orquestra era uma fonte imensa de prazer e de felicidade e, durante a pandemia, perder esse contato foi difícil. Mas, com organização, trabalho em conjunto, e empatia, superamos as adversidades. Habilidades que serão úteis para sempre em diversos âmbitos da vida profissional e pessoal”.

CORO ACADÊMICO



Bolsistas do Coro Acadêmico atuaram como chefes de naipes e conduziram ensaios que resultaram em sete apresentações virtuais

Unindo-se aos coros que têm como propósito integrar Ensino, Pesquisa e Extensão, o Coro Acadêmico reúne aproximadamente 40 cantores, realizando concertos de música coral “a cappella” ou acompanhada, com repertório que valoriza obras de compositores de renome nacional e internacional e de diversos estilos de época. O projeto do grupo artístico coordenado por Willsterman Sottani e Felipe Bruno Braga incentiva e facilita o acesso do público geral à música coral de concerto, além de

desenvolver um ambiente de pesquisa de inovação da linguagem musical, proporcionando aos orientandos um espaço de aprimoramento técnico e organizacional.

Adaptando-se às condições impostas pela pandemia, o grupo realizou diversas atividades de forma on-line, dentre elas atendimentos individuais para auxiliar os cantores em dificuldades específicas e abordagens técnicas de pronúncia, articulação e interpretação musical, com o acompanhamento de Arlana Viana e João Pedro Silva, bolsistas que elaboraram materiais de apoio. Além de atuar como chefe de naipe de Sopranos e regente assistente, Arlana desempenhava também a função de tradução e transcrição fonética de textos, que facilitam o entendimento da leitura. João Pedro reforça que atuar como chefe de naipe de Tenores foi gratificante e benéfico para sua formação acadêmica: “Pude vivenciar a rotina de um líder de grupo, planejando e conduzindo ensaios, aprimorando meu lado de pesquisa, conhecendo novos repertórios e colaborando com a evolução do grupo.”

O resultado de todo o trabalho desenvolvido foi a produção e publicação de sete vídeos de coro virtual nas redes sociais e a participação em encontros e festivais promovidos por outras instituições, alcançando mais de 20 mil visualizações no YouTube e mil novos seguidores nas mídias. O repertório apresentado nos eventos valorizou obras de compositores de renome internacional como Bach, Brahms, Mozart, Delius, bem como compositores brasileiros, como Villa-Lobos e Carlos Alberto Pinto Fonseca.

NÁCAR MADRIGAIS

Na modalidade Grupo Artístico, o trabalho intermídia Nácar Madrigais se desenvolveu entre diversas linguagens artísticas: a palavra, o canto e as imagens. A partir de haicais produzidos pela professora e orientadora Adriane Oliveira, nasceu o projeto que pretendia unir a narrativa dos pequenos poemas de origem japonesa à criação e interpretação vocal e instrumental para os personagens da história.

Os poemas começaram a ser criados pela professora em 2016, em uma residência artística, de maneira livre, sem seguir rigorosamente as métricas originais. Microcontos de até 150 caracteres, com elementos mais subjetivos e não tão versificados, também serviram de inspiração para a criação de uma narrativa linear, consolidando uma trama. Desde então, eventualmente, experimentações sonoras foram desenvolvidas e os bolsistas do Pibiart Anna Lhama, João Paulo Cordeiro e Alexandre Pereira se juntaram ao Grupo Interfaces entre Arte e Tecno ciência, organizando os haicais e microcontos e criando ambientações sonoras e melodias de acordo com a narrativa.



O Nácar Madrigais desenvolve um trabalho experimental que une palavra, canto e imagens

A preciosidade do encontro amoroso é o ponto central do enredo, e o Nácar, substância calcária interna à conchas, é a metáfora para esse sentimento. Para trazer vida à história, foram criados quatro personagens: Butterfly, Blue, Dark T. e Poeta Gentil, aos quais o grupo atribui características particulares. Blue reflete uma espécie de oráculo para a personagem feminina, Butterfly, à medida que Dark T. representa os aspectos negativos e “fantasmas” que ela tem que enfrentar, e Poeta Gentil simboliza a leveza e alegria que ela necessita.

Alexandre foi responsável por dar voz aos três personagens masculinos, enquanto a cantora e professora Luane Voigan interpretou Butterfly, ambos utilizando recursos técnicos do canto para alcançar as sonoridades e timbres dos personagens. O bolsista relembrava que todas as melodias e ambientações sonoras criadas foram traduzidas em

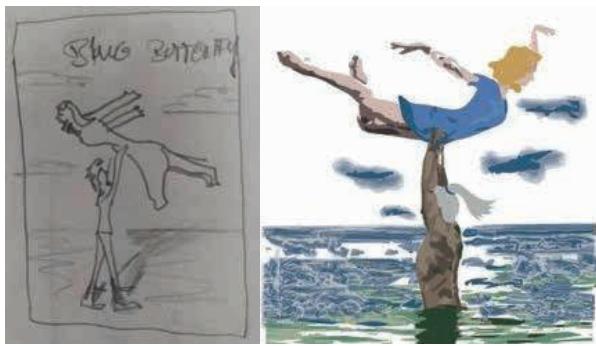


Ilustração de Julia Rocha a partir de esboço de Alexandre Pereira

imagens específicas que “possibilitou uma liberdade artística única, que concretizou em um projeto onde todos não foram apenas executantes, mas também criadores”, ressalta.

Paralelamente, a bolsista Anna Lamha foi responsável pela composição instrumental e pelas manifestações sonoras, criando também partituras gráficas a partir da imaginação de como seria a forma de um som, de um movimento e de um gesto dentro da narrativa. Em seguida, as composições foram gravadas e

executadas por João Cordeiro, que transformou tais materiais em uma trilha percussiva. “Todo esse processo proporcionou diversas possibilidades de aperfeiçoamento técnico, artístico e interpessoal”, reforça Anna.

Após discussões e aprovações coletivas dos conteúdos elaborados remotamente, a etapa final do percurso criativo envolveu transformar os poemas em ilustrações, realizadas pela profissional Julia Rocha, a partir das definições das visualidades propostas pelos bolsistas. Por fim, aconteceu a gravação das interpretações vocais e instrumentais, em estúdio profissional, sendo todos esses processos executados com investimentos financeiros pela professora. O trabalho experimental será transformado em um audiobook, em um e-book e, futuramente, segundo pretensões da orientadora Adriana, tornar-se um espetáculo.

Caroline Crovato

GRUPO DE CÂMARA COMUS

Modalidade Grupo Artístico . **Bolsistas** Alice Werneck de Oliveira *Bacharelado em Música (Composição Musical)*; Pedro Gabriel Verly Monteiro Limas *Bacharelado em Música (Composição Musical)*; Alexandre Leal Martins *Licenciatura em Música*; Helio Castro Lopes de Albuquerque *Bacharelado em Música (Composição Musical)*

Orientador Professor Luiz Eduardo Castelões Pereira da Silva

CORAL E ORQUESTRA PRÓ-MÚSICA

Modalidade Grupo Artístico . **Bolsistas** Lizandra Regina Campisse Romano *Bacharelado em Música (Violoncelo)*; Camila Hellen dos Reis Marques *Artes e Design*; Letícia Almeida Carlos *Bacharelado em Música (Canto)*; Maria Francisca Valle da Trindade Martins *Licenciatura em Artes Visuais*; Isabela Lopes Fachinetto *Psicologia*; Giovanna Souza *Engenharia Mecânica*; Edwirges Margarita da Silva Apolinário *Bacharelado em Música (Flauta transversal)*; Hiago Bordim Pereira *Engenharia Elétrica (Habilitação Energia)*.

Orientador Professor Marcus Vinícius Medeiros Pereira

CORO ACADÊMICO DA UFJF

Modalidade Grupo Artístico . **Bolsistas** Arlana Vitória Dias Viana *Bacharelado em Música (Canto)*; João Pedro de Paula Silva *Bacharelado em Música (Canto)*.

Orientadores Professores Willsterman Sottani Coelho e Felipe Bruno Braga de Melo

GRUPO INTERFACES ENTRE ARTE E TECNOCIÊNCIA

Modalidade Grupo Artístico

Bolsistas Alexandre Lúcio de Souza Pereira *Bacharelado em Música (Canto)*; Anna Carolina Ferreira Lamha *Bacharelado em Música (Composição Musical)*; João Paulo Cordeiro Soares Silva *Bacharelado em Música (Composição Musical)*.

Orientadores Professores Adriana Gomes de Oliveira e Rodolfo Vieira Valverde

FOTOGRAFIA, MEMÓRIA E LUGARES DE TRADIÇÃO



Hotéis tradicionais de Juiz de Fora foram contemplados pelo projeto desenvolvido

Resgatar valores culturais e afetivos por meio de fotografias é algo muito particular, e quando esse processo evoca uma série de sentidos como identidade, pertencimento, estética e memória, torna-se de fato um instrumento sociocultural. O projeto *Memórias Urbanas no Comércio Tradicional de Juiz de Fora*, contemplado nesta edição do Pibiart, se desenvolveu a partir desse viés, em um trabalho dos bolsistas Júlia Monteiro Lessa Ciampi e Tiago Lima Fernandes. Dessa forma, buscou investigar a permanência de

antigos estabelecimentos comerciais em Juiz de Fora, através de uma pesquisa sistemática de sua cultura visual expressa em letreiros, vitrines, objetos e outros elementos que constituem esses lugares.

O projeto visa a publicação do terceiro livro do *Memórias Urbanas* – sendo o primeiro *Navalha do Tempo: barbearias tradicionais do centro histórico de Juiz de Fora* (2014), e o segundo, *Sianinhas e Saudades: armarinhos e tecidos tradicionais no centro histórico de Juiz de Fora* (2020), de autoria de Valéria de Faria Cristofaro e realizados com apoio de bolsistas. Desta vez, o foco foram os hotéis tradicionais do centro histórico. Ainda hoje, muitos desses espaços mantêm a tradição em sua estrutura original e suas práticas, bem como a autenticidade em seus valores. Portanto, constituem uma força de resistência frente à expansão do comércio transitório em Juiz de Fora, que sofre com a degradação de seu patrimônio histórico desde os anos 1950, na ânsia de se adequar às mudanças progressistas e “modernizar-se”.



A cultura visual dos espaços é um dos aspectos que interessa para registro fotográfico dos locais



A autenticidade dos setores alvo da pesquisa é considerada uma força de resistência

Ao identificar, categorizar e registrar a história e a cultura visual desses espaços antigos, inicia-se um processo de acercamento de memória pretérita e presente como modo de salvaguardar e ampliar a visibilidade de uma parte do patrimônio da cidade, cada vez mais invisível e em risco de perda e esquecimento. Nesse contexto, o ato de deambular é entendido como um instrumento estético de conhecimento, capaz de constituir memória afetiva presente na mente das pessoas. Sendo assim, o projeto busca afirmar essa experiência - resgatar o gozo de flanar pelas ruas - ou seja, de poder admirar lugares que antes pareciam escondidos durante as caminhadas apressadas do dia a dia.

Para tanto, o projeto exigiu o desenvolvimento de uma metodologia de ação bastante categórica: com mapeamento, pesquisa de campo, entrevistas, investigação artístico-documental de linguagem fotográfica, edição e tratamento de imagens. No entanto, devido às restrições impostas ao desenvolvimento da pesquisa em decorrência da pandemia de Covid-19, tornou-se inviável a publicação imediata do livro, restando aos pesquisadores disponibilizar em um site o que foi produzido no decorrer da bolsa de iniciação artística. "Eu creio que, talvez, o principal desafio tenha sido a realização das entrevistas a distância, devido à dificuldade da criação de um vínculo com as pessoas entrevistadas, com os proprietários e com os profissionais que ali trabalham", explica Júlia.

Na apresentação do site, foram priorizados os hotéis que se localizam no entorno da Praça Dr. João Penido (mais conhecida como Praça da Estação), por ter sido ali o epicentro dos projetos de urbanização e industrialização de Juiz de Fora. Além de toda a relevância do projeto no caráter documental, seu registro artístico e seu impacto social, ele também contribuiu para a formação acadêmica e pessoal dos bolsistas, ao possibilitar que se aprofundassem mais no conhecimento da história e da cultura juiz-forana, bem como em teorias de Walter Benjamin, referência nos campos das ciências sociais e da arte contemporânea.

Camila Borges

MEMÓRIAS URBANAS NO COMÉRCIO TRADICIONAL DE JUIZ DE FORA

Modalidade Grupo Artístico . **Bolsistas** Julia Monteiro Lessa Ciampi Bacharelado Interdisciplinar em Artes e Design e Tiago Lima Fernandes Bacharelado em Artes Visuais.

Orientador Professor Carlos Francisco Pérez Reyna

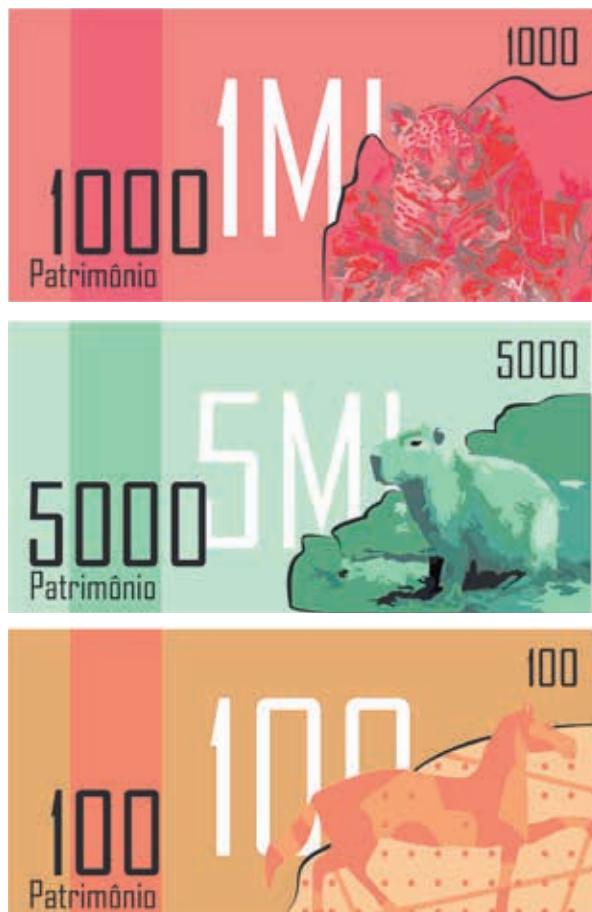
O JOGO DO PATRIMÔNIO

Com metros quadrados hipervalorizados e, portanto, inacessíveis à maioria, os grandes centros urbanos tornaram-se territórios de especulação financeira e imobiliária que avança brutalmente, quase sem restrição. Um processo destrutivo e cruel que parece emular a perseguição de enriquecimento a qualquer custo de jogos famosos como Monopoly e sua versão nacional, Banco Imobiliário.

Apostando na função didática dos jogos de tabuleiro, o estudante de Arquitetura e Urbanismo Patrick Don Borges teve a ideia de criar um jogo que subvertesse os valores dos modelos consagrados, com metas mais humanas do que levar o adversário à falência. Sua proposta era aplicar as dinâmicas desses jogos à realidade de Juiz de Fora, que enfrenta um processo irrefreável de especulação imobiliária.

“Vemos parte de nosso patrimônio histórico sendo destruído para dar lugar aos grandes edifícios [...] estes grandes empreendimentos não se preocupam em promover a infraestrutura necessária para o bom funcionamento urbano”, afirma Patrick, concluindo que essa especulação é insustentável.

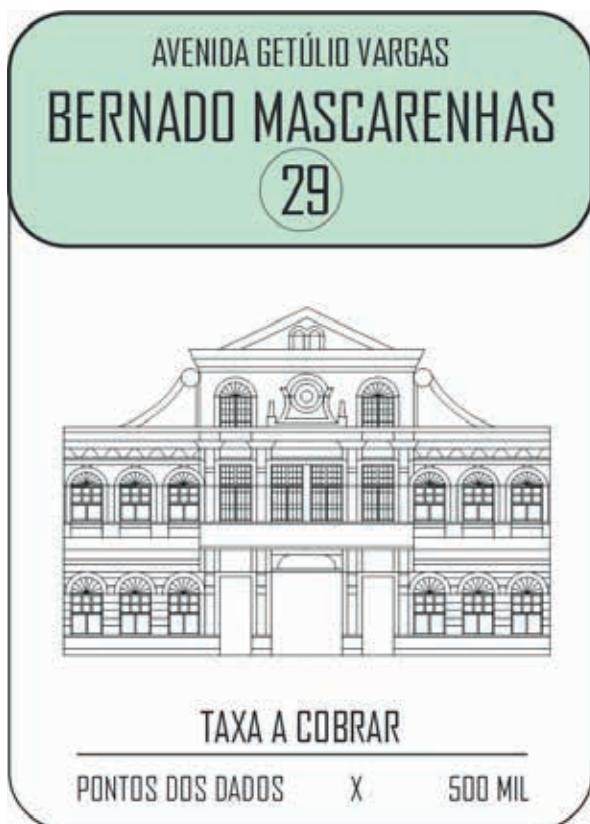
Surgiu assim a pesquisa desenvolvida nesta edição do Pibiart, que resultou na criação do *Patrimônio*, um jogo com regras que valorizam os bens arquitetônicos e culturais da cidade, no qual o objetivo é “tornar-se o mais culturalmente rico entre os jogadores”. Como parte de sua proposta de instruir de forma lúdica, o jogo possibilita compra e vendas de imóveis e ganhos de aluguel visando o monopólio do mercado imobiliário, mas prevê outra forma de recompensa para os jogadores: o Ponto Cultural, que incentiva a preservação do patrimônio juiz-forano e a qualidade



Animais frequentes em Juiz de Fora ou que marcaram a cidade, como a onça do Jardim Botânico, estampam as notas do jogo

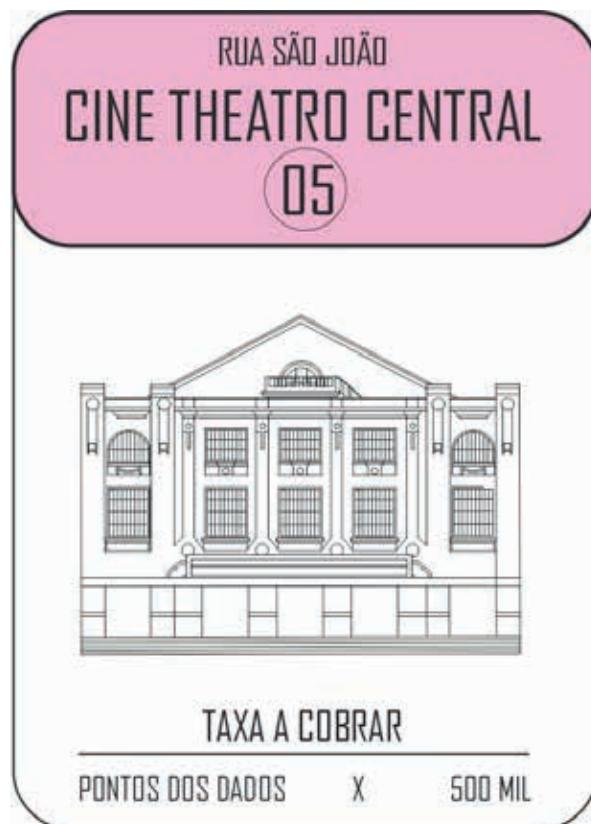
de vida. Vence a partida quem acumula mais pontos culturais.

Com um tabuleiro que reproduz o mapa do centro de Juiz de Fora, abarcando o triângulo formado pelas avenidas Rio Branco, Getúlio Vargas e Itamar Franco, o jogo enfatiza as construções arquitetônicas mais relevantes dessa malha urbana, espaços culturais e turísticos e áreas de lazer, como as praças. As fachadas de edificações importantes ou tombadas, como Cine-Theatro Central, Escola Normal, antigo Cinema Palace e a fábrica de Bernardo Mascarenhas, ilustram cartas especiais, que dão bônus aos jogadores. Estampam as notas do “dinheiro juiz-forano”, numa alusão ao real, animais identificados com a cidade, como as capivaras do rio Paraibuna, os saguis que costumam ser vistos nas praças e a onça pintada que apareceu no Jardim Botânico.



Edificações icônicas ou tombadas de Juiz de Fora ilustram as cartas especiais do jogo Patrimônio

A construção do jogo envolveu pesquisa prévia sobre os jogos de tabuleiro e um estudo sobre a formação e a evolução urbana de Juiz de Fora, de modo a identificar os bens arquitetônicos mais importantes do centro da cidade. O estudante também se aprofundou na legislação municipal que rege a construção civil e em documentos como o Plano Diretor, reunindo informações que foram consideradas na elaboração das regras de *Patrimônio*: para avançar no jogo, os participantes devem respeitar a legislação vigente.



A fim de verificar a compreensão das regras, detectar problemas e avaliar a própria jogabilidade de *Patrimônio*, ele foi testado entre alunos da UFJF antes de ser disponibilizado on-line gratuitamente para todos na plataforma Miro (<https://miro.com>), onde é preciso ter uma conta para acessar o jogo. Além da versão digital, é possível fazer o download das peças do jogo para imprimi-las.

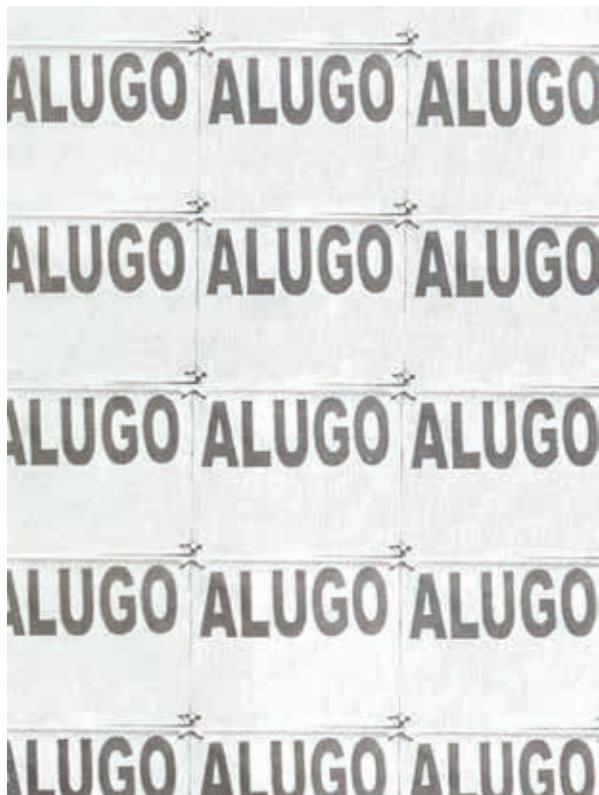
Izaura Rocha

ARQUITETURA, URBANISMO E PATRIMÔNIO CULTURAL EM JUIZ DE FORA: UMA PROPOSTA DE JOGO DE TABULEIRO

Modalidade Projeto Artístico-Cultural . **Bolsista:** Patrick Don Mendonça da Costa Borges *Arquitetura e Urbanismo*

Orientadora Professora Mariane Garcia Unanue

FLAGRANTES URBANOS



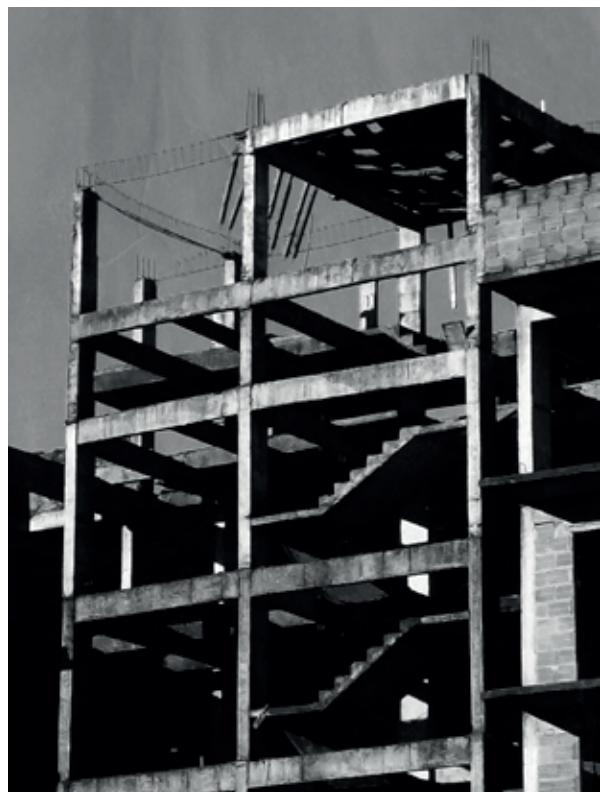
A busca pela reflexão sobre a paisagem no presente, e como isso se reflete nos estudos de Arquitetura e Urbanismo, é o tema do projeto *A cidade vista através das telas*, realizado por Gabriel Lewer, que consistiu na observação e em registros fotográficos da área central de Juiz de Fora.

A princípio, o projeto se desenvolveria no formato audiovisual, que dialogaria com a vida na cidade, levando em consideração o cenário pandêmico atual. Porém, ao ir a campo, o bolsista sentiu mais afinidade com a fotografia, o que levou à produção de um conjunto de fotos com o mesmo objetivo.

A experiência proporcionou a Gabriel exercer mais seu entendimento do ambiente urbano de forma humanizada, além de percebê-lo como um organismo

vivo, que está em constante alteração e intervenção. Ao buscar enxergar o cenário urbano para além de um “meio”, e sobretudo como uma extensão do corpo urbano, Gabriel acredita que é possível formar profissionais mais conscientes e projetos mais coletivos.

Após se fundamentar do ponto de vista teórico e se aprofundar na cinematografia documental antropológica, o aluno desenvolveu a oficina “Paisagem da janela: o cinema e a fotografia como ferramentas para o entendimento do espaço”. A metodologia adotada foi a de transmitir um curta-metragem educativo, abordando o surgimento do cinema e o seu teor antropológico e etnográfico. Houve também uma extensão no Instagram, no perfil do projeto “@cidade4cinco”, como meio para divulgação das fotos e vídeos do próprio Gabriel e dos participantes da oficina, o que possibilitou ampliar também os locais registrados para além do Centro. Segundo ele, a diversidade de pessoas que participaram da oficina possibilitou uma discussão rica e a produção de trabalhos diversos, além da troca de referências bibliográficas e filmes.



O ambiente urbano como um organismo vivo e em permanente alteração foi o alvo do bolsista Gabriel Lewer



O projeto incluiu uma oficina sobre cinema e fotografia como ferramentas para se entender o espaço urbano

“O momento *in loco* foi de extrema importância para se perceber a cidade de forma crítica e analítica (não apenas como um transeunte) e pela busca de significação e entendimento do espaço cotidiano com base no que foi estudado durante o período da bolsa”, relata Gabriel. O bolsista optou pelo uso do aparelho celular para o registro de todo o projeto devido a sua portabilidade, acessibilidade e pelo próprio caráter mais intuitivo dessa etapa do projeto.

A produção de registros da cidade é importante para a preservação da memória, e, em Juiz de Fora, essa contribuição tem sempre se renovado com novos artistas. A cidade é referência com João Gonçalves Carriço (1886-1959) para a história do cinema brasileiro,

com a produção do Carriço Film, um cinejornal local que apresentava eventos diversos e a cidade que se verticalizava. A partir desses registros, hoje podemos analisar e perceber como o espaço foi se transformando no decorrer do tempo.

Anna Julia Lourenço

A CIDADE VISTA ATRAVÉS DAS TELAS

Modalidade Projeto Artístico-Cultural . **Bolsista** Gabriel Mamede Lewer Rebouças *Arquitetura e Urbanismo*

Orientadora Professora Raquel Von Radow Portes

INSPIRAÇÃO ARQUITETÔNICA



Artistas e arquitetos diversos foram referências para as colagens produzidas ao longo do projeto, que propõem uma abertura para o imaginário e para a realidade ficional

Como só Goethe poderia registrar em seus escritos, arquitetura é uma espécie de música petrificada. Poéticas à parte, o certo é que a arte nunca se desvincula dos arranjos espaciais, da humanização necessária principalmente em tempos de distanciamento social, e, em última análise, dos equívocos que a especulação imobiliária impõe à urbe. No caminho dos problemas de organização, sejam estéticos ou práticos, o bolsista Ícaro Chagas da Silva, sob orientação do professor Frederico Braida, se destaca ao trazer à tona o projeto de pesquisa *O uso da colagem como linguagem arquitetônica e urbanística*.

“A ideia foi explorar, através de encontros virtuais de mediação artística, a representação da arquitetura e do urbanismo através da linguagem da colagem,

entendendo o processo artístico como um mecanismo potente para a manifestação do inconsciente”, descreve Chagas, cujo objetivo maior foi abordar alguns dos conceitos sobre essa técnica e a sua aplicação na representação gráfica. Para essas abordagens e discussões foram realizados oito encontros com o número previsto de 20 participantes.



Segundo o bolsista, a partir das reuniões, ficou claro que a colagem se mostra apropriada como um instrumento artístico poderoso de expressão individual e coletiva. “Acreditamos que o projeto despertou nos participantes a vontade de praticar a investigação formal através do imaginário, abrindo espaço para que os mesmos proponham uma nova realidade a partir da ficção, e, por fim, podendo somar a realidade e criar novas por meio da expressão artística, arquitetônica e urbanística”.

Após a leitura de materiais relacionados ao tema, que serviu de base para a realização de um ensaio específico, o bolsista nomeou artistas e arquitetos para compor suas referências. A escolha recaiu sobre personalidades que marcaram a história da arquitetura e das artes ao longo de diferentes períodos a partir do início do século passado. No decorrer do tempo de concessão da bolsa, foi realizada uma representação iconográfica das principais obras, o que resultou na montagem de um site com as imagens obtidas, reunindo as informações sobre as oficinas realizadas durante o primeiro semestre de 2021, com detalhes sobre os resultados obtidos.



De Pablo Picasso a Max Ernst, passando por Le Corbusier e Lina Bo Bardi, os nomes relacionados incluem El Lissitzky, Theo van Doesburg, Ernst May, Mies van der Rohe, Alexander Rodchenko, Vladimir Tatlin, Moholy-Nagy, Hannah Höch, Raoul Hausmann, John Heartfield, Kurt Schwitters, Paul Citroen, Herbert Bayer, Pietro Maria Bardi, Peter Cook, Ron Herron, Alison & Peter Smithson, Denis Crompton, Superstudio, Fumihiko Maki, Hollein, Christo e Jeanne-Claude. O aluno também recorreu a Richard Meier, Aldo Rossi, Gordon Matta-Clark, Richard Hamilton, Eduardo Palozzi, Josep Renau, Jiri Kollar, Nils-Ole Lund, Michael Graves, Rem Koolhaas, Vyacheslav Oltarzhevsky, Daniel Libeskind, Eugeni Rusakov, David Wild, Fernando Fuão, Enric Miralles, MVRDV, Pieter Bruegel, Peter Greenaway, Scott Mutter, James Casebere e Giacomo Costa.

Chagas entende que, a partir dos encontros de mediação, foi possível entender com mais profundidade, porém de maneira holística, como os processos de ensino e

aprendizagem ocorrem. “A experiência se aproxima da docência e ajuda os bolsistas a entenderem melhor como é a vivência aluno-professor”, relata, acrescentando que participar do Pibiart foi essencial para o seu crescimento como aspirante a docente.



Max Ernst e Paul Citroen inspiraram, respectivamente, as colagens de autoria de Ícaro Chagas apresentadas nesta página

“Com as oficinas, pude ter contato com pessoas de diferentes cursos e idades e com diversos níveis de interação com o processo artístico, com a arquitetura e com o urbanismo. Além disso, encontrei inúmeros desafios que estão relacionados à construção dos materiais didáticos, à construção do site onde estão expostas as colagens resultantes do projeto (<https://colagem.cargo.site/>) e à organização dos participantes dentro das oficinas em si”, conclui.

Katia Dias

O USO DA COLAGEM COMO LINGUAGEM ARQUITETÔNICA E URBANÍSTICA

Modalidade Grupo Artístico . **Bolsista** Ícaro Chagas da Silva *Arquitetura e Urbanismo*

Orientador Professor Frederico Braida Rodrigues de Paula



Com 45 metros de comprimento e cerca de dois metros de altura, o muro da escola foi a tela para a arte mural de Gabi Lemos, uma homenagem à tradição das congadas de sua cidade, Itamogi

GRAFFITI E CULTURA POPULAR

Uma “tela” de quase 100 metros quadrados! A pequena Itamogi, no sudoeste mineiro, ganhou uma obra de arte monumental em uma de suas principais vias: uma pintura mural em homenagem às congadas, uma das maiores festas culturais daquela região, de que a cidade de apenas 11 mil habitantes é palco em dezembro. A obra é uma criação de Gabriela Lemos, aluna do Instituto de Artes Visuais (IAD) que produziu a intervenção urbana como parte de sua pesquisa para o Pibiart.

“Esse foi um dos maiores projetos que eu já fiz na minha caminhada enquanto artista”, ressalta Gabriela ao comentar a pintura, produzida em um muro de 45 metros de comprimento e dois metros de altura, ao qual se somou mais um trecho de seis metros de extensão. “Lidar com os desafios que um muro tão grande traz enquanto trabalho individual foi muito além de todas as minhas expectativas, ainda mais com uma temática tão afetiva na minha vida e da minha cidade”, ressalta.

A manifestação folclórica e popular do congado, de tradição afro-brasileira, tem sido o objeto de pesquisa de Gabi Lemos no campo das artes visuais desde 2018 e, já em 2019, ela foi convidada a participar da exposição *Reminiscências: danças populares e o processo*

civilizatório no Brasil, no Memorial da República Itamar Franco, órgão da Pró-reitoria de Cultura da UFJF. Em 2020, foi selecionada para desenvolver sua pesquisa com apoio do programa de iniciação artística da Procult.

A produção do mural de Itamogi envolveu levantamento bibliográfico sobre as congadas e a história da arte de rua no Brasil, com foco na pintura mural, sua relação com os grandes centros urbanos e “a poesia estética” que a técnica proporciona ao ambiente urbano. Para a elaboração do desenho a ser pintado, Gabriela planejava fotografar os elementos do tradicional festejo, o que não foi possível devido a seu cancelamento em 2020, em razão da pandemia de Covid-19.

Como alternativa, a bolsista tomou como fonte os registros da fotógrafa Graziela Medeiros, também itamogiene, que se dedica à fotografia de festividades culturais como trabalho autoral. O desenho reuniu referências visuais de elementos como o vestuário dos congadeiros, as cores que distinguem os ternos (grupos de congado), os principais personagens da tradição, como o Rei e a Rainha Congo, além de elementos da cidade, como a Igreja Matriz e a cultura cafeeira, que está na própria origem das congadas da cidade.

O muro da Escola Estadual de Itamogi, instalada em frente a uma das avenidas principais do município, foi o local escolhido para a pintura, e tornou-se um desafio para a artista por sua extensão e pela textura de chapisco que o cobria. Gabriela adquiriu ferramentas apropriadas para realizar a pintura, como um compressor portátil para aplicação da tinta, capaz de proporcionar uma melhor cobertura da parede texturizada.

Com o título de *Às Congadas de Itamogi*, o mural ostenta cores vibrantes que remetem ao alegre colorido do festejo. Os seis ternos de congado da cidade são representados na pintura. Para Gabriela, o projeto é importante para a comunidade por divulgar as tradições culturais que constituem seu patrimônio imaterial, favorecendo a identificação cultural do cidadão itamogiano. O trabalho se destaca ainda por levar o *graffiti* tão identificado com os centros urbanos para uma cidade rural, “propondo novas reflexões”, ao aliar cultura popular e arte urbana.

O projeto envolveu ainda a realização de uma oficina online de pintura mural, que reuniu 30 interessados nessa arte: “Minha intenção era fazer uma oficina prática, mas com a pandemia essa proposta não foi realizada”, explica a bolsista. “Analisando a falta de oportunidade de tratar essa técnica no espaço acadêmico e entendendo que a demanda é cada vez maior, propus fazer essa oficina online, mostrando minhas referências, a teoria e técnicas de desenvolvimento da pintura (técnica de escalonamento, materiais, EPIs e outros)”, relata. Em sua avaliação, a experiência foi ótima e pretende repeti-la em outras oportunidades. Por enquanto, Gabriela se dedica a coletar depoimentos dos congadeiros que retratou no mural: “O feedback da comunidade tem sido emocionante!”.

Izaura Rocha



O projeto mesclou cultura popular e a arte urbana do ‘graffiti’

PINTURA MURAL – ÀS CONGADAS DE ITAMOGI

Modalidade Projeto Artístico-Cultural . **Bolsista** Gabriela Antunes Ramos de Lemos *Bacharelado Interdisciplinar de Artes Visuais*

Orientadora Professora Priscila de Paula

CONHECIMENTO ARTÍSTICO ATRAVÉS DOS QUADRINHOS

POR QUE ESTUDAMOS ARTE?



A tirinha sobre o conceito de arte por Ana Mae Barbosa repercutiu e chamou a atenção da própria arte-educadora

Incomodado com a própria experiência ao estudar e trabalhar em escolas, o licenciando em Artes Visuais Giuliano Pietro Reis Cerrato defende que grande parte das dificuldades de aprendizado dos estudantes pode advir da forma como o conhecimento é transmitido – o que não ocorre somente dentro das escolas, mas também na sociedade como um todo. Tal percepção o levou a desenvolver o projeto *Revista Figuratta: criando relações entre a ilustração e a educação* – uma tentativa de tornar o ensino de arte menos burocrático e mais acessível para o público que não possui afinidade com o assunto, por meio das redes sociais. A revista educacional digital aborda as linguagens artísticas de forma simples e didática, por meio de tirinhas e ilustrações publicadas nas redes sociais.

Algo que motivou o estudante foi o fato de que, ao debater com alunos sobre temas complexos de arte, como estética, história ou sociologia, notou que a maioria não demonstrava interesse por esse tipo de assunto por não saber opinar, preferindo utilizar as redes sociais apenas como entretenimento.

No início do projeto, Giuliano estava mais preocupado com quantidade do que com qualidade. Pretendia realizar várias publicações por semana, até que refletiu sobre o tempo que seria necessário para a pesquisa, uma vez que seu objetivo era criar conteúdo que abordasse arte com humor. Logo, seu professor orientador sugeriu que se dedicasse mais à pesquisa teórica, buscando artigos e livros sobre os temas a serem trabalhados. Em seguida, o aluno deu início à parte prática com mais calma, a fim de criar publicações de qualidade.



FONTE: *O que é arte?* - historiadasartes.com.br

Divulgados nas redes sociais, os quadrinhos abordam conceitos artísticos de forma didática e descomplicada, tornando o ensino de arte mais acessível

Num primeiro momento, a pesquisa consistiu em uma revisão bibliográfica sobre arte, com ênfase em curiosidades, história e notícias da área. Em seguida, o bolsista realizou uma análise das fontes das informações. Por fim, foram produzidas publicações semanais das ilustrações, tiras, infográficos ou animações das informações selecionadas. Tais publicações foram feitas nas três redes sociais do projeto – Facebook, Instagram e Twitter.

Giuliano destaca um dos principais desafios encontrados durante o percurso do projeto: o alcance das postagens. “Como as redes sociais utilizam algoritmos para definir o alcance das publicações, tem sido difícil atingir um grande número de usuários. Para contornar essa situação, estou compartilhando o conteúdo em grupos e em perfis pessoais para que ele chegue a outras pessoas”, explica. Além disso, buscou parcerias com outras páginas que produzem conteúdo artístico para contribuir na divulgação dos posts.



Acima e no alto: o bolsista realizou publicações semanais nas redes sociais do projeto, alcançando críticas positivas sobre a proposta

Ele conta que seu trabalho tem recebido críticas muito positivas e que algumas das páginas com as quais conseguiu realizar parcerias têm demonstrado interesse em realizar *lives* e entrevistas, a fim de conhecer melhor seu projeto, o qual tem sido considerado bastante inovador na área artística. O trabalho passou a ter um destaque ainda maior após a publicação de uma tirinha explicando o motivo de se estudar arte segundo Ana Mae Barbosa, educadora brasileira pioneira em arte-educação nas escolas: além de obter um alcance bem



maior que as demais postagens, o estudante ainda teve o privilégio de receber uma mensagem da própria Ana Mae, que manifestou interesse em utilizar a tirinha da Figuratta em seu próximo livro.

Como reflexos em sua formação acadêmica, Giuliano conta que o projeto lhe possibilitou aprender sobre o processo de criação de material didático, utilizando a ilustração como ferramenta de apresentação das linguagens artísticas de forma comprehensível, especialmente para a população leiga. Também acredita que conseguiu intervir no sistema de comunicação social, ao atuar como disparador de informação sobre linguagens artísticas e questionar os usuários sobre o papel da arte na sociedade atual. Além disso, presume que seu trabalho pode contribuir para a formação de outros universitários, estudantes do ensino básico e também para a comunidade em geral.

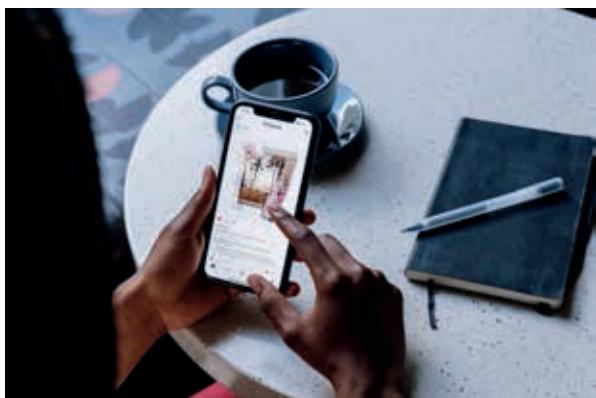
Ismael Crispim

REVISTA FIGURATTA: CRIANDO RELAÇÕES ENTRE A ILUSTRAÇÃO E A EDUCAÇÃO

Modalidade Projeto Artístico-Cultural . **Bolsista:** Giuliano Pietro Reis Cerrato *Licenciatura em Artes Visuais*

Orientador Professor Francione Oliveira Carvalho

#ensinodehistóriadaartenasredes



O objetivo do projeto foi avaliar o uso de ferramentas digitais para aprendizagem de história da arte

Diante do acesso intensificado às mídias digitais no contexto de isolamento social, a criação e o compartilhamento de conteúdos relacionados à história da arte como forma de entretenimento atinge principalmente os jovens, que muitas vezes não possuem acesso a essa temática no processo de escolarização. A partir de dados coletados nas redes sociais de perfis relacionados a arte, educação e história, a estudante de Artes e Design Joana Teixeira Fernandes desenvolveu, no Pibiart, o projeto *O Ensino da História da Arte Através das Redes Sociais Digitais*, com levantamento de informações sobre o ensino informal que as contas analisadas proporcionam aos seus seguidores, utilizando recursos como humor, *memes*, pequenos textos e vídeos como forma de interação e contato para facilitar a assimilação do conteúdo.

Um de seus objetivos era identificar e analisar as possibilidades de uso das ferramentas digitais para ensino e aprendizagem da história da arte. No período entre 25 de julho e 25 de outubro de 2020, foram monitorados os posts e comentários de três perfis: no Instagram, os perfis do Museu de Arte de São Paulo (@MASP) e do “Histórias da Arte”, pertencente à professora Clara Habib (@historiasdaarte,) e, no Twitter, o perfil “ari noert” (@arinoert), administrado por um artista 3D e pós-graduando em história da arte. O estudo buscou focar na frequência de conteúdo e como ele é apresentado, público-alvo e interações nas publicações.

Segundo o levantamento bibliográfico realizado, o uso de redes sociais como abordagem de ensino ainda é pouco frequente no meio acadêmico. No entanto, vem se tornando cada vez mais utilizado e se intensificou a partir do isolamento social causado pela pandemia – o que provavelmente precipitou mudanças fundamentais. Até então, a disseminação dessas ferramentas esbarrava no pouco ou nenhum letramento computacional por parte dos professores, limitando a aplicação das redes sociais no ambiente escolar. “Consideramos de suma importância ampliar os espaços de discussão e capacitação profissional sobre o uso da internet e redes sociais e seus impactos no ensino e aprendizagem”, afirma a estudante. Segundo ela, é essencial refletir sobre as redes sociais, seus usos e desafios na formação docente, “para qualificar e

ari noert
@arinoert

Oi gente

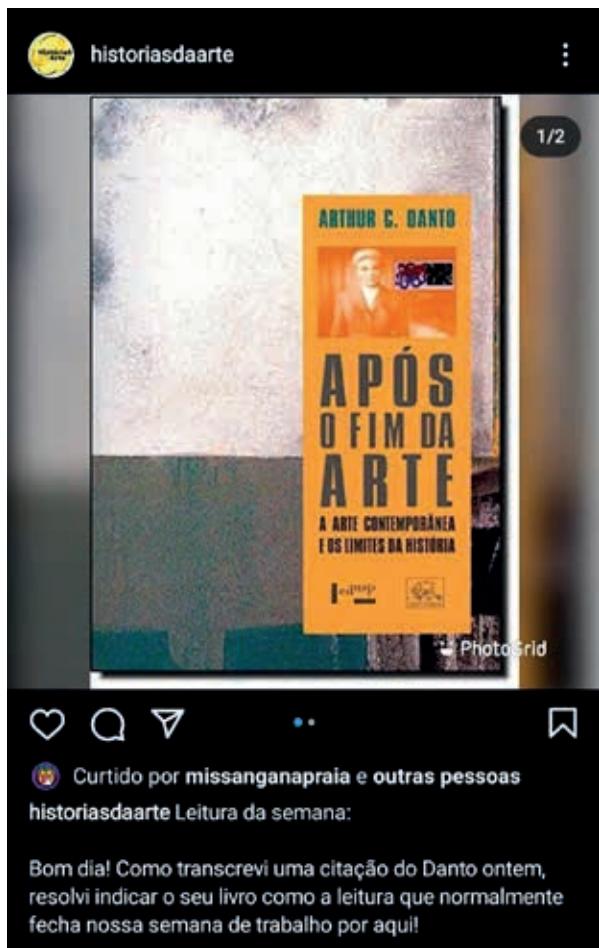
Todos as threads que eu fiz (ou a maioria delas) estão agora nesse moments aqui embaixo

Pra quem se interessar, eu sou artista, e posto meus trabalhos no: [instagram.com/arinoert](https://www.instagram.com/arinoert)

Minha conta pessoal aqui no Twitter é: [@aresnoert](https://twitter.com/aresnoert)

Obrigadão!

O perfil @arinoert foi um dos monitorados durante a pesquisa



O uso de redes sociais no ensino ainda é raro, mas foi acelerado durante a pandemia

garantir pensares e fazeres inovadores nas experiências didáticas dos futuros professores”.

Joana destaca um ponto fundamental visualizado durante sua “imersão científica” nas redes sociais: “Outro aspecto que nos mobilizou foram as múltiplas possibilidades de apresentação da informação. Observamos que informações descontraídas e curtas, com links ou palavras-chave em evidência, chamam mais a atenção dos alunos, bem como o ambiente de entretenimento possibilitou sentirem-se mais confortáveis para interagir e se expor às novas informações”. Outro aspecto que a bolsista observou é relacionado às sugestões oferecidas pelos administradores para aprofundamento das pesquisas

através de elementos como links para textos, sites e livros: “Com esses links, os usuários podem acessar informações mais complexas sobre o tema [em] que demonstraram interesse. Nessa experiência identificamos que o conhecimento está centrado na autonomia do aluno, que decide quando e como acessar a informação e incorporá-la como conhecimento.”

OUTRAS PERSPECTIVAS

O projeto incluiu a realização da palestra “O uso de redes sociais em sala de aula”, por meio da plataforma Google Meet, com o intuito de apresentar a compilação de dados obtidos e aprofundar o diálogo sobre as observações constatadas ao longo do projeto. Os estudos apontaram que a “vontade de aprender mais” acontece principalmente nas relações de troca de mensagens entre seguidores e administradores das páginas, proporcionando pequenos debates que disseminam ideias e opiniões condizentes ou divergentes, além de possibilitar a percepção de outras perspectivas sobre arte.

Na avaliação de Joana, a realização do projeto transformou sua visão como aluna de graduação, pesquisadora e futura professora de artes visuais. Além disso, ela acredita que a pesquisa pode contribuir com profissionais de diferentes áreas artísticas e, em particular, com os estudantes de licenciatura em arte e na formação continuada de professores. “Os resultados obtidos revelam o aumento exponencial da importância da internet e das redes sociais no cotidiano de todos nós. E essa presença será cada vez mais comum e irreversível, garantida pela evolução tecnológica incessante.”

Natália de Miranda

O ENSINO DA HISTÓRIA DA ARTE ATRAVÉS DE REDES SOCIAIS DIGITAIS

Modalidade Projeto Artístico-Cultural . **Bolsista** Joana Teixeira Fernandes **Bacharelado Interdisciplinar em Artes e Design**
Orientadora Professora Olga Maria Botelho Egas

CONTAR HISTÓRIAS, PROJETAR FUTUROS

A fim de transmitir conhecimento literário, estimular a criatividade e o gosto pela leitura, a estudante do 5º período do Bacharelado Interdisciplinar de Artes e Design da UFJF Bruna da Silva Sales desenvolveu o projeto *Me Conta um Conto*. A ideia da bolsista do Pibiart era contribuir tanto para a vida pessoal quanto para os estudos dos participantes das atividades.

A princípio, o projeto visava a promover a arte da contação de histórias por meio de um trabalho que seria realizado com crianças do ensino fundamental, de modo a transmitir conhecimento literário e desenvolver a criatividade e o gosto pela leitura desde cedo. Contudo, devido às adaptações impostas pela pandemia, o projeto precisou mudar o foco para poder ser realizado remotamente: o público-alvo passou a ser alunos do ensino médio.

Bruna conseguiu desenvolver o projeto com a participação ativa de três alunos da Escola Estadual Hermenegildo Vilaça, localizada no bairro Gramá, região nordeste de Juiz de Fora, com autorização e orientação da coordenadora da escola, Aretha Fontes. Na primeira etapa – os seis primeiros meses de atividades – foram promovidos encontros virtuais semanais, em horários extracurriculares, por meio de videochamadas realizadas pela plataforma Google Meet, com uma hora de duração, além de conversas em um grupo de WhatsApp. As aulas eram divididas ao meio: os primeiros 30 minutos eram focados em exercícios teatrais, trabalhando oralidade, respiração, expressão facial, expressão corporal, relaxamento,



Com a adaptação do projeto para o ambiente digital, o foco passou a ser alunos do ensino médio criatividade, imaginação, integração de grupo e afins. Na segunda metade da aula, era trabalhado o gênero literário da semana.

Já no segundo semestre, foram apresentados textos para serem lidos, discutidos e interpretados pelos participantes, buscando apresentar diferentes gêneros e estruturas literárias. No decorrer das atividades, os próprios alunos se empolgaram e começaram a sugerir gêneros literários diversos para serem trabalhados. Nos últimos quatro meses, foi produzida uma minissérie de contação de histórias, com três episódios, momento que possibilitou aos jovens colocarem em prática tudo o que haviam aprendido desde o início do projeto.

“Para a construção dessa minissérie, eu pedi aos alunos que escrevessem uma história que eles gostariam de apresentar, e cada um escreveu uma história totalmente diferente dos demais. Deixei totalmente livre. Então, peguei as histórias deles, juntei e criei uma nova. A partir dessa nova história, realizamos várias modificações juntos, até chegarmos ao trabalho final”, conta.

A estudante acredita que um dos resultados obtidos após a conclusão de seu trabalho foi um aumento



Além de ler, debater e interpretar textos, os alunos participantes produziram uma minissérie de contação de histórias em três episódios

significativo do interesse dos participantes pela leitura e pela escrita. “Por se tratar de alunos que estão se preparando para vestibulares, os mesmos relataram sentir mais vontade de escrever e ler.” Além disso, ela destaca o interesse desses alunos em participarem das aulas e das atividades propostas, mesmo com todas as dificuldades provenientes do ensino remoto. Seu trabalho inspirou os participantes de tal modo que os mesmos afirmam, segundo Bruna, que pretendem seguir carreira acadêmica e realizar trabalhos semelhantes ao dela, que gerem impacto positivo na sociedade.

O incentivo não foi somente para os participantes, mas também para a própria idealizadora do projeto. Ela conta que se sentiu motivada a ler, pesquisar, estudar e se empenhar ainda mais durante seu percurso acadêmico. “Além de conhecer autores que não conhecia e que vão acrescentar muito nos trabalhos futuros e projetos pessoais”, destaca Bruna, que sempre quis ser professora e revela que o projeto contribuiu para que tivesse ainda mais certeza da carreira que deseja seguir.

Ismael Crispim

ME CONTA UM CONTO

Modalidade Projeto Artístico-Cultural . **Bolsista** Bruna da Silva Sales **Bacharelado Interdisciplinar em Artes e Design**
Orientadoras Professoras Letícia Perani Soares e Annelise Nani da Fonseca

COMPARTILHANDO O CONHECIMENTO

OFICINAS, MINICURSOS, DEBATES, LABORATÓRIOS E OUTRAS ATIVIDADES DE MEDIAÇÃO PROPORCIONARAM VÁRIAS OPORTUNIDADES DE FORMAÇÃO PARA O PÚBLICO

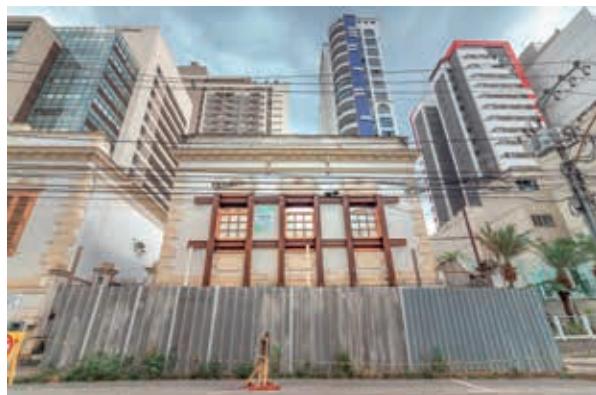
A oferta de oficinas para a comunidade em geral é uma das principais contribuições do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Artística. Sem contar a modalidade Mediação Artística (MED), voltada para o desenvolvimento de projetos de cunho educativo-cultural como foco principal da atuação do aluno ao longo da vigência do Programa, 57 oficinas, minicursos e similares foram realizados nesta edição do Pibiart na modalidade Projeto Artístico-Cultural (PAC), em que tais atividades são apenas uma parte de todo o processo, ou seja, uma etapa da pesquisa que agrupa experiência didática e intercâmbio de conhecimento ao bolsista.

O desafio desta edição foi transpor as oficinas para o meio virtual, o que ensejou a adaptação de projetos e atividades e testou a criatividade dos estudantes para ajustá-los à realidade do universo on-line, imposta pelas restrições do contexto da pandemia. Apesar disso, as limitações não impediram que a maioria obtivesse ótimos resultados. Alguns projetos se destacaram pelo alcance ou pela dinâmica que os caracterizaram, a exemplo do Orfia, que se desdobrou em oficinas, *lives* no Instagram, mesa redonda, cine-debate e exposições virtuais [veja matéria à página 44] e muitos outros projetos da modalidade PAC que são destacados nesta edição da BIA. Falamos de dois deles com mais detalhes aqui, e em seguida focalizamos os projetos da modalidade MED.

ESTÉTICA DO CAOS

Como parte de seu projeto *Reminiscências da Cidade*, trabalho artístico e documental sobre o patrimônio arquitetônico de Juiz de Fora, tendo a fotografia como recurso de memória e documentação histórica, Nina de Faria Cristofaro realizou o minicurso “Fotografia Urbana: os múltiplos olhares sobre a cidade”, com três encontros virtuais. O minicurso abordou a relação entre fotografia e cidades, as transformações do processo fotográfico, a evolução das câmeras e as próprias alterações de olhar, vivência e registro da urbe. Os participantes conheceram expoentes da fotografia e trabalhos fotográficos que tecem reflexões sobre a transformação da paisagem e a configuração da memória urbana.

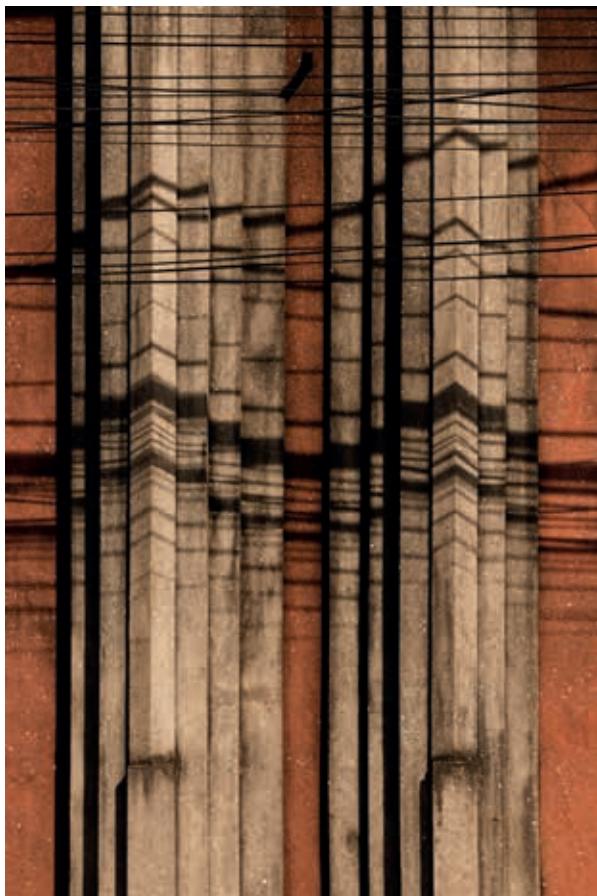
O virtual, longe de comprometer a proposta, possibilitou que pessoas de várias partes do país se interessassem pelo minicurso, realizado na plataforma Google Meet:



Exercício fotográfico de Thiago Wierman, participante do minicurso “Fotografia urbana: os múltiplos olhares sobre a cidade”

dentre os 21 inscritos, havia pessoas de São Paulo, São José do Rio Preto, Santos Dumont, Carandaí e Belo Horizonte, além de Juiz de Fora. Os interessados eram fotógrafos, professores, artistas visuais e estudantes de cursos tão diversos quanto Artes e Design, Arquitetura, Jornalismo, Bacharelado em Ciências Humanas, História, Cinema, Serviço Social, Filosofia e Música.

Como prática, foi pedido a eles que realizassem um trabalho fotográfico, com a produção de uma a cinco fotografias. “Fui surpreendida com a qualidade da produção das imagens de todos que participaram, pude escutar as reflexões e experiências de cada um e realizar comentários e sugestões”, relata Nina Cristofaro, feliz com a resposta positiva e motivadora dos participantes, que, em sua opinião, “apresentaram produções potentes, provocadoras e poéticas”.



Fotografia de Nina Cristofaro para “Sublinhas Urbanas”, série sobre a interferência caótica de elementos como fios e cabos em bens históricos

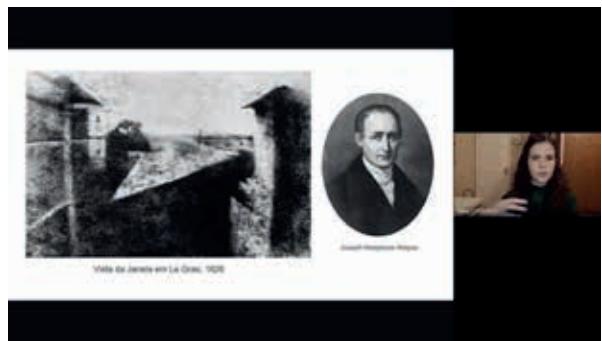
O minicurso, como não poderia deixar de ser, tem relação direta com a pesquisa realizada por Nina no âmbito do projeto *Reminiscências da Cidade* desde

2019, quando também foi contemplada pelo Pibiart. Na atual edição, o projeto de construção de um acervo fotográfico do patrimônio arquitetônico da cidade focou na interferência caótica da paisagem urbana nesses bens imóveis remanescentes do passado.



O resultado dos exercícios fotográficos durante a oficina surpreendeu pela qualidade das imagens, como esta de Isabela Monis

O resultado é a exposição virtual “Sublinhas Urbanas”, série de fotografias sobre o encontro visual dos edifícios históricos com emaranhados de fios elétricos. Os registros de imóveis tombados localizados no centro e nos bairros Mariano Procópio e Granbery se situam entre o artístico e o documental: “Os fios, cabos e postes, embora se reportem ao incômodo da poluição visual, me despertaram um olhar mais atento para uma estética urbana do caos, em que é possível perceber novas linhas, formas, sombras e contrastes que se formam à frente das fachadas dos prédios históricos da cidade”. Disponível no Instagram e no site <https://reminiscenciasdacidade.com/sublinhas-urbanas>, a galeria é mais uma aposta da bolsista na força do meio virtual para o engajamento sobre questões do patrimônio cultural e salvaguarda da memória.



Nina (à direita), durante aula do minicurso sobre fotografia urbana, em que apresentou expoentes da fotografia e a relação entre essa arte e as cidades

RESSIGNIFICANDO MEMÓRIAS

O Google Meet também foi a plataforma a que aderiram as bolsistas do projeto *Ressignificando Memórias* ao adaptar a proposta que, em 2019, foi um dos destaques do Pibiart por seu impacto social. Naquela edição, a equipe fez uma parceria com a Unidade Básica de Saúde do bairro Milho Branco para um trabalho de resgate da autoestima e de valorização da memória afetiva de idosos usuários do SUS. Em 2020, já no contexto da pandemia, o projeto foi pensado como uma proposta que poderia contribuir para a saúde mental das pessoas, oferecendo um meio importante de socialização dos participantes no período de isolamento. Em função disso, a proposta se expandiu, passando a abranger todos os grupos etários.

“Inicialmente, nossa maior dificuldade foi justamente inserir um projeto no meio digital sem perder a essência afetuosa, que despertasse a interação dos participantes estimulando-os a relacionarem-se com os temas propostos e com as atividades manuais”, conta a aluna Alice Lima, em entrevista à BIA. Se na edição anterior o projeto levava o material para as oficinas até os participantes, a distância fez com que repensassem as atividades com materiais acessíveis, que todos poderiam ter em suas casas. A faixa etária alcançada acabou sendo mais jovial, o que o grupo atribui a dificuldades de acesso à tecnologia. “As pessoas que faziam as oficinas, em maioria, já acessavam a



Mandala pintada com os dedos pela participante Naiara Carvalho em oficina que discutiu a arteterapia

plataforma (GoogleMeet) para trabalho ou estudo. Ainda assim, os participantes variaram dos 74 aos 18 anos.”

Segundo Alice, apesar de algumas dificuldades impostas pela realização remota, foi possível aproveitar os benefícios da tecnologia: “Então montamos em cada oficina slides para apresentarmos os temas, com fotos e vídeos que eram enviados aos participantes para acessos posteriores. Contamos com um público de estados variados, “entrando” nas suas casas, o que muitas vezes contribui na execução das atividades mais pessoais.”



Com a migração do projeto para o virtual, o público participante foi em média mais jovem, mas pessoas mais velhas também se interessaram

Como um dos objetivos do projeto é a democratização da arte, foram oferecidas oficinas que buscaram expandir a percepção do que é arte, com temas sobre fotografia - e suas variações -, saindo das telas para objetos e o espaço cotidiano, além de criatividade como um dom possível a todos, processo criativo, arte terapia, mecanismos para aprender a desenhar, a mulher na história da arte e a marginalização ou silenciamento de manifestações artísticas – tudo perpassado por questões como arte e cultura, política pública, arte e resistência.

As bolsistas se surpreenderam com o interesse dos participantes pela parte teórica e ficaram satisfeitas com a motivação que eles demonstraram para participar do projeto, pois tinham uma frequência constante e sempre estavam dispostos a contribuir com as atividades e discussões. Para Alice Lima, Jéssica Maria e Isadora Mayrink, a diversificação do público, o desafio de realizar o projeto no meio digital e todos os processos envolvidos na preparação e execução das oficinas lhes proporcionaram uma vivência educativa importante.



Ilustração da artista paulista Mariana Bueno (@maribueno.art) para cena de “Orgulho e Preconceito”, realizada durante a oficina de Cinema, que trabalhou cores primárias ou monocromáticas em cenas escolhidas pelos participantes

“Esses processos vão antecipando a vida após a graduação, e também auxiliam para a expansão da vida como discente, pois é possível experimentar algo muito além da sala de aula”, avalia Alice Lima. Foi a experiência no Pibiart que, segundo a bolsista Jéssica Maria, lhe deu a certeza de que sua área de atuação seria a licenciatura: “A iniciação artística me trouxe a segurança necessária para escolher minha profissão”, afirma. Para Isadora Mayrink, participar do projeto enriqueceu sua experiência acadêmica, permitindo-lhe obter novos conhecimentos e ampliar os que adquiriu durante o curso.

MUSICALIZAÇÃO INFANTIL

Na modalidade Mediação Artística do Pibiart, os projetos são por essência de cunho educativo-cultural, com o objetivo de oferecer aos alunos iniciação em atividades de mediação de conhecimentos em artes nos equipamentos de cultura da Procult, além de proporcionar formação musical de qualidade à comunidade externa. Nesta edição, os dois projetos da modalidade – Musicalização Infantil e Oficinas de Música, cada um com 11 bolsistas – enfrentaram o tremendo desafio de ensinar música remotamente.

Com listas de espera e dezenas de crianças atendidas, o projeto de Musicalização Infantil é um reconhecido

sucesso na UFJF desde 2017. Voltado para menores de 0 a 8 anos, o projeto oferece aos pequenos um aprendizado lúdico de música, que trabalha não só a sensibilidade artística mas aspectos importantes para o sua socialização e desenvolvimento cognitivo na primeira infância, como coordenação motora, concentração e memória. Porém, como trabalhar noções de ritmos, timbres, notas e percepção musical a distância e engajar alunos de tão tenra idade nas aulas virtuais?

Presencialmente, as crianças participantes do projeto aprendem brincando em um ambiente apropriado, com materiais de qualidade. “Durante a pandemia, as metodologias das aulas tiveram que ser adaptadas. Então, passamos a utilizar recursos como vídeos, áudios, instrumentos que poderiam ser facilmente criados em casa, atividades para serem realizadas à distância”, relata a bolsista Gabriela Nunes de Almeida.

No ensino remoto, a supervisão, a participação e o feedback dos pais eram extremamente importantes, mas esses foram justamente quesitos problemáticos, já que nem todos deram o retorno necessário para o acompanhamento da evolução dos alunos. “Percebi nos materiais enviados pelos pais que os conteúdos propostos nas atividades que enviava não foram trabalhados de forma minuciosa como deveria acontecer, como nas aulas presenciais”, avalia a aluna Paula Beghelli.

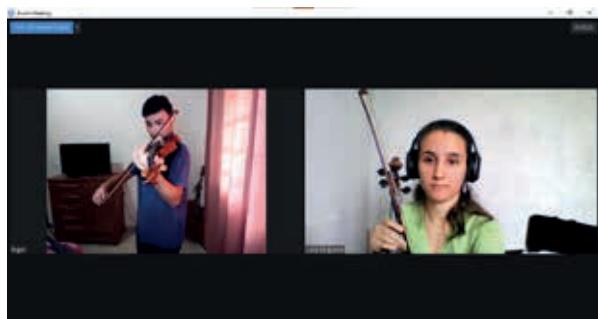
Apesar dos percalços, os bolsistas atuantes consideraram a experiência de atuar no projeto e mesmo de o ajustarem ao meio digital fundamental para seu aprendizado: “O projeto de musicalização infantil contribuiu muito na minha formação como professora, pois apresentou-me as dificuldades que só conhecemos quando vivenciamos tal experiência em sala de aula, sendo assim, trouxe uma experiência bem mais próxima da realidade do professor”, resume Sandriana Rodrigues Peron, para quem realizar o projeto durante a pandemia propiciou aos bolsistas uma nova perspectiva para o ensino de música.

OFICINAS DE MÚSICA

Com o objetivo de oferecer formação musical gratuita, o projeto Oficinas de Música da Escola de Artes Pró-Música/UFJF reúne bolsistas para atuar como mediadores junto ao público interessado em adquirir algum conhecimento na área. Nesta edição, o desafio foi transpor as aulas para o virtual, tarefa complexa quando se trata de ensinar a tocar um instrumento. No entanto, a experiência acabou por agregar novos conteúdos e habilidades aos mediadores.

Aluna do curso de Ciências da Religião, Lenara Finotti Amaral de Oliveira relata que, diante de sua primeira experiência de aula exclusivamente on-line, teve que aprender a utilizar novas ferramentas. Ela montou uma biblioteca virtual para os alunos na Sala de Aula do Google, com materiais organizados por tópicos, como sugestões de aplicativos de afinador, metrônomo e treinamento auditivo e rítmico; escalas; apostilas de técnica, repertório e sugestões de concertos on-lines.

Para o bolsista Pedro Alfeld dos Reis, aluno de Música na UFJF, a atuação no projeto foi um “divisor de águas” na sua formação: ele, que no início do curso se sentia inseguro para ensinar, agora afirma: “Foi graças ao projeto que eu descobri que era capaz de dar aulas com qualidade, e acabei me apaixonado por lecionar”. Na avaliação de Rosilaine de Oliveira Mendes, também discente de Música, o formato digital exigiu novas maneiras de transmitir os conteúdos e ferramentas para o ensino a distância. “Posso dizer, por mim, que conheci novos programas, aprendi a manuseá-los, ganhei a percepção do ritmo do ensino a distância e,



Oficina de violino ministrada a distância por Julia Nogueira



A bolsista Carine Ferreira (no alto) e aluna de violoncelo, uma das oficinas de instrumentos musicais oferecidas na modalidade Mediação Artística do Pibiart

hoje em dia, possuo a bagagem para atuar, também, de maneira remota.”

Manter a motivação dos alunos foi um dos maiores desafios do ensino remoto, conclui Liliana Caldeira, aluna da licenciatura em Piano. Sua oficina contou com participantes muito assíduos, participativos e disciplinados, mas houve desistências por motivos particulares. “Enfim, apesar das dificuldades, senti também que me desenvolvi muito durante esse projeto”, relata Liliana, ressaltando que encarar situações que não estavam previstas quando preparou o conteúdo programático foi uma oportunidade que a deixou preparada para desafios maiores.

Izaura Rocha



Oficina de violão com Rosilaine de Oliveira Mendes, discente do curso de Música, para quem a experiência de ensino remoto contribuiu para sua formação acadêmica

REMINISCÊNCIAS DA CIDADE

Modalidade Projeto Artístico-Cultural . **Bolsista** Nina De Faria Cristofaro

Orientadora Professora Renata Cristina de Oliveira Maia Zago

RESSIGNIFICANDO MEMÓRIAS

Modalidade Projeto Artístico-Cultural . **Bolsistas** Alice de Lima da Costa Matrícula *Moda*; Isadora Carvalho Mayrinck Bacharelado *Interdisciplinar em Artes e Design* e Jéssica Maria da Silva Matrícula *Licenciatura em Artes Visuais*

Orientadora: Professora Renata Cristina de Oliveira Maia Zago

MUSICALIZAÇÃO INFANTIL

Modalidade Mediação Artística . **Bolsistas** Adjane Cristina de Oliveira; Andressa Aparecida Miranda Marques; Arielly Raya Pereira Corrêa; Gabriela de Cássia Maurício Corrêa; Gabriela Nunes de Almeida; Lucas Rodrigues Ribeiro; Matheus de Sá Farias; Paula Beghelli Neves; Raquel Cristina de Moraes Pereira; Roger Drummond Fernandes e Sandriana Rodrigues Peron *Licenciatura em Música*

Orientadora Professora Luana Roberta Oliveira de Medeiros Pereira

OFICINAS DE MÚSICA

Modalidade Mediação Artística . **Bolsistas** Carine Maria Ferreira *Bacharelado Interdisciplinar em Artes e Design*; Lenara Finotti Amaral de Oliveira *Ciências da Religião*; Rosilaine de Oliveira Mendes *Licenciatura em Música*; Gabriel de Jesus Mesquita *Licenciatura em Música*; Bárbara Gonçalves *Ciências Exatas*; André Seccadio *Licenciatura em Música*; Pedro Alfeld dos Reis *Música*; Samuel Colli *Licenciatura em Música*; Liliana Miranda de Brito Caldeira *Licenciatura em Música*; Júlia Hellen Nogueira de Paiva *Música*; Jeosafá Carvalho da Silva *Licenciatura em Música*

Orientadores Professores Álisson Carvalho Berbert, Raquel A. Rohr de Oliveira Isidoro, Fernando Vago Santana, Mayra Cristina Pereira e Nilton Antônio Moreira Junior

PANORAMA

Nesta seção, apresentamos outros projetos realizados por discentes bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Artística, alguns dos quais são sequências ou desdobramentos da edição anterior do Pibiart e foram, inclusive, destaques no primeiro número da BIA. Isso denota por si só a qualidade dos projetos, que agora tiveram a oportunidade de ser finalizados com apoio do Programa. Com esta apresentação sucinta de mais esse lote de projetos, temos uma visão completa desta edição, cumprindo assim o objetivo de apresentar ao público os resultados e o alcance do programa de iniciação artística da Pró-reitoria de Cultura.

CINEMA E MEMÓRIA: Um encontro com o Brasil

A pesquisa desenvolvida em torno do uso do cinema de documentário na construção de uma memória sociocultural do Brasil partiu de conceitos como memória, história e imaginário social e resultou na produção de um documentário de curta-metragem sobre a UFJF. Além disso, a bolsista realizou um cineclube remoto sobre o tema “Reflexões sobre a memória e o documentário brasileiro”, com cinco encontros virtuais e uma curadoria de filmes selecionados para debate.

Modalidade Projeto Artístico-Cultural . **Bolsista**

Marcella Silveira do Carmo *Cinema e Audiovisual* .

Orientadora Professora Alessandra Souza Melett Brum



O cineclube remoto promoveu cinco encontros virtuais

AQUILO QUE BROTA NA ENCRUZILHADA

Em prosseguimento à pesquisa iniciada no Pibiart em 2019 sobre a potência expressiva do corpo em estado de exaustão física, Rafael da Costa Leal investigou, nesta edição, a produção artística de imagens e sons criados por movimentos e gestos a partir de técnicas da capoeira (golpes e esquivas) repetidas à exaustão. O objetivo era produzir “partituras de movimentos” com os quais viria a construir uma dramaturgia. Todo o processo foi compartilhado por meio de vídeos no YouTube e um blog. O resultado do projeto é a videodança *Luz Negra*. “Um corpo de um homem negro mergulhado em camadas sutis da realidade que se permite captar pela lente de uma câmera na tentativa de escrever, junto com ela, o que estas palavras sozinhas não dão conta de expressar.”

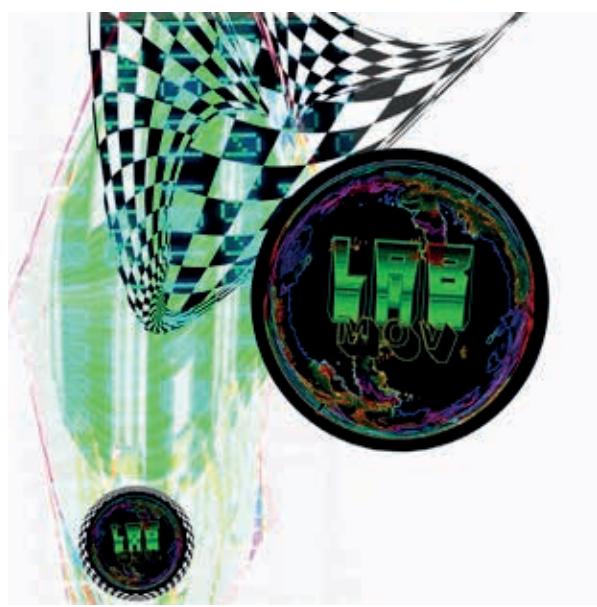
Modalidade Projeto Artístico-Cultural . **Bolsista**
Rafael da Costa Leal *Licenciatura em Artes Visuais* .
Orientador Professor Francione Oliveira Carvalho



AUDIOVISUALIDADES EXPERIMENTAIS

Com foco em técnicas alternativas e intuitivas de produção audiovisual, o projeto propôs um espaço virtual para interação de artistas, reflexão e criação de videoarte experimental, o LAB-MOV. Foram nove encontros, em que os participantes utilizaram ferramentas acessíveis, como celulares, para repensar formas tradicionais de fazer cinema. Dentre os objetivos do bolsista, estavam firmar a “experimentalidade” como legitimadora de objetos artísticos, democratizar a produção audiovisual e incentivar a produção individual de vídeo.

Modalidade Projeto Artístico-Cultural . **Bolsista**
John Carlos de Oliveira Rodrigues *Bacharelado*
Interdisciplinar em Artes e Design . **Orientadora**
Professora Marília Xavier de Lima



O laboratório propôs repensar as formas de se fazer cinema

O CINEMA E A ESCOLA COMO ESPAÇOS DE SUSPENSÃO

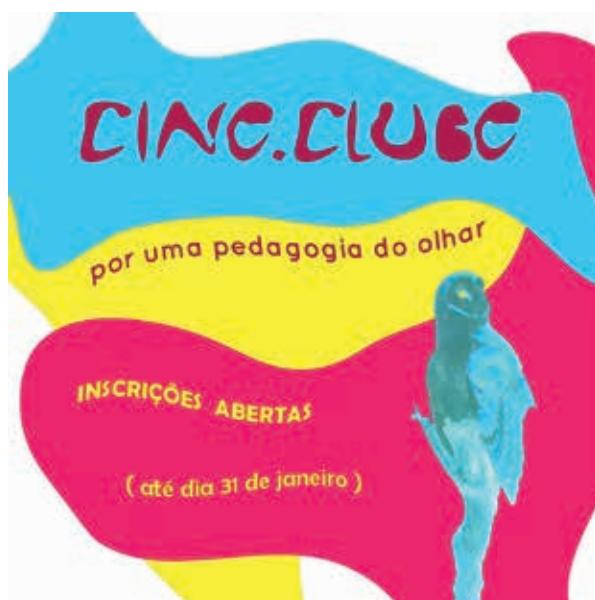
A dimensão pedagógica-educativa do cinema foi o tema do projeto desenvolvido pelos bolsistas, que pretendiam realizar a parte prática em escolas públicas. Porém, devido às restrições sanitárias do momento, a proposta foi repensada para o ambiente virtual, com a realização do cineclube remoto “Por uma Pedagogia do Olhar”. Durante seis encontros por meio da plataforma Google Meet, os realizadores exibiram e debateram uma seleção de filmes contemporâneos brasileiros divididos em blocos temáticos: “Integração do imaginário”, “Paisagens sonoras” e “Fabulação do real”. A experiência de realização do cineclube on-line foi relatada em um ensaio reflexivo a ser publicado em revista especializada.

Modalidade Projeto Artístico-Cultural . **Bolsistas**

Leonardo Nunes Heringer *Bacharelado Interdisciplinar em Artes e Design*, e Mayara da Silva Moreira

Licenciatura em Artes Visuais . Orientadores

Professores Luiz Carlos Gonçalves de Oliveira Junior e Marilia Xavier de Lima



Nos encontros virtuais, foram exibidos e debatidos filmes brasileiros

MEMÓRIAS NEGRIAS

A ressignificação de arquivos fotográficos focada em registros de infância de pessoas negras foi a proposta desenvolvida por Paula Duarte Souza, numa abordagem voltada para a formação de memória e visualidade da população negra. O trabalho envolveu a análise de fotografias postadas em redes sociais e o contato com as pessoas retratadas para gravação de depoimento sobre sua relação com as imagens e a infância. Os resultados foram registrados em um diário sobre os processos criativos.

Modalidade Projeto Artístico-Cultural . **Bolsista**

Paula Duarte Souza *Licenciatura em Artes Visuais* .

Orientador Professor Francione Oliveira Carvalho

RABISCOS – CONTÍNUO

Em sequência à proposta desenvolvida no Pibiart em 2019, o bolsista produziu desenhos e esculturas como resultado da transformação dos primeiros em objetos tridimensionais por meio de manipulador robótico. A psicologia—o inconsciente—permeia o trabalho artístico da série *Rabiscos*, com linhas e curvas de silhuetas que sugerem movimento e círculos que lembram a hipnose. O desenvolvimento do projeto fortaleceu no autor o interesse em trabalhar com arteterapia, razão pela qual ingressou no curso de Psicologia, após a conclusão da graduação em Artes e Design.

Modalidade Projeto Artístico-Cultural . **Bolsista** Hael Nascimento Leite (nome social) *Bacharelado em Psicologia* . **Orientadores** Professores Renato Melo Amorim e Hermenegildo Ferreira Giovannoni



A série “Rabiscos” envolve a produção de desenhos que são transformados em esculturas por meio de manipulador robótico



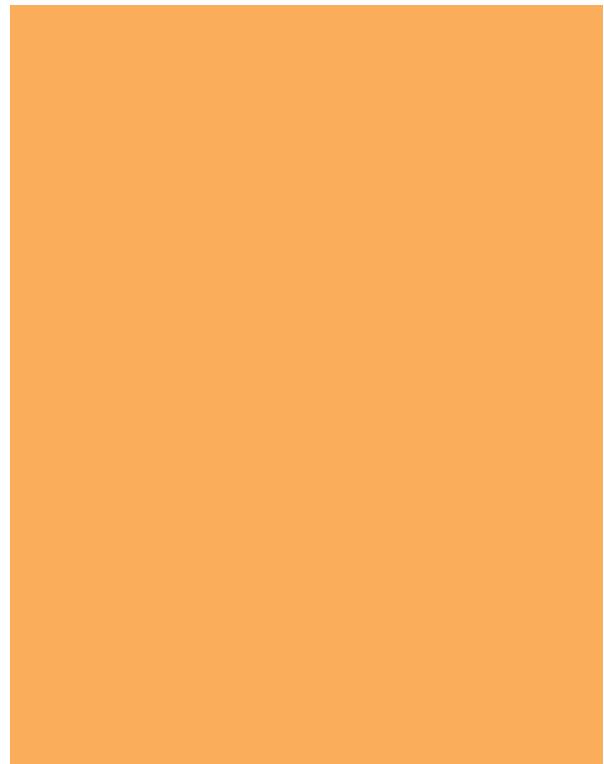
DA TERRA: LIVRO DE ARTISTA

Memória familiar, oralidade e histórias silenciadas nos processos de formação da nacionalidade brasileira se articulam na produção de um livro de artista, iniciada em 2019 no âmbito do Pibiart e concluída nessa edição do programa, com a finalização do projeto gráfico de *terra meio sangue*. Thiago de Assis Felisberto assina não só os poemas e as xilogravuras que o ilustram, como também o projeto gráfico, a diagramação e a capa, contracapa e orelha da obra. Os poemas são inspirados no haicai brasileiro, introduzido no país pelos imigrantes japoneses, que se soma às tradições das culturas negra e indígena, especificamente o Oriki, do iorubá africano, e o Yãmîy do povo Maxakali, além de cordéis nordestinos. Durante o desenvolvimento do projeto, o bolsista ministrou duas oficinas remotas sobre “Poesia e imagem: haicai e ilustração”.

Modalidade Projeto Artístico-Cultural . **Bolsista** Thiago de Assis Felisberto *Bacharelado em Artes Visuais* . **Orientadores** Professores Renato Melo Amorim, Edimilson de Almeida Pereira e Francione Oliveira Carvalho



Criação de xilogravura para ilustração do livro “terra meio sangue”



MUSEU ITINERANTE - CRIAÇÃO DE JOGO DE CARTAS PARA O ENSINO DE LINGUAGEM VISUAL E HISTÓRIA DA ARTE II

A IMPORTÂNCIA DO SMARTPHONE NA FOTOGRAFIA CONTEMPORÂNEA

A onipresença de dispositivos móveis na sociedade contemporânea foi o mote do projeto que investigou o papel dos smartphones na produção fotográfica atual. Essa condição foi acentuada pela pandemia e o isolamento social, com a maior utilização dos celulares para registros artísticos e entretenimento. Além da ampliação de conhecimentos teóricos e práticos do bolsista, o projeto incluiu o oferecimento da oficina remota “Mobilegrafia – Fotografia com Celulares”, a pesquisa e o desenvolvimento inicial de arquivos para uma publicação de um E-Book e a publicação de um artigo em capítulo de livro.

Modalidade Projeto Artístico-Cultural . **Bolsista** Hugo de Andrade Tardivo *Bacharelado Interdisciplinar em Artes e Design* . **Orientadoras** Professoras Adriana Gomes de Oliveira e Letícia Perani Soares

Um dos destaques do Pibiart em 2019, o projeto teve continuidade nesta edição com a reformulação do guia de regras da versão impressa do jogo *Vivemos* para torná-lo mais dinâmico e de fácil compreensão, além da revisão dos conteúdos para adaptação da linguagem e inclusão de dados complementares. A bolsista também reviu a seleção de imagens em bases de dados de acervos on-line de museus, a fim de serem usadas nas cartas e pôsteres do jogo – concebido como uma ferramenta paradidática de ensino de história da arte e linguagem visual. Destinado a educadores e estudantes interessados no tema, o projeto apostava em um processo de ensino-aprendizado através da prática de observação de imagens. Todo o material produzido foi disponibilizado também no site www.projetovivemos.com.

Modalidade Projeto Artístico-Cultural . **Bolsista**

Isabela Fernandes Lima Silva *Bacharelado*

Interdisciplinar em Artes e Design . **Orientadora**

Professora Renata Cristina de Oliveira Maia Zago



Carta do jogo “Vivemos”, planejado como ferramenta paradidática de ensino de história da arte

CONSTRUÇÃO DO SUJEITO - IMAGEM E SUBJETIVAÇÃO

A pesquisa se propôs a investigar o que existe entre a intenção da autora de fazer arte e o que se apresenta para ela como produto final, numa reflexão em que o mais importante, portanto, é a obra em processo. O projeto envolveu a publicação de textos, desenvolvimento de pinturas e fotografias e realização da oficina “Para Além das Selfies - O Autorretrato em Perspectiva”. Durante a pesquisa, a autora foi aprovada em uma seleção para ser coautora de um livro intitulado *Processos Criativos e Escolhas Estéticas*, a ser publicado pela Editora Bodoque.

Modalidade Projeto Artístico-Cultural . **Bolsista** Ada Medeiros Dutra *Bacharelado em Artes Visuais* . **Orientadora** Professoras Edna Rezende Silveira de Alcantara e Renata Cristina de Oliveira Maia Zago



Experimento artístico realizado no laboratório Híbrida

HÍBRIDA – LABORATÓRIO DE PRECARIEDADE GRÁFICA

Híbrida é um espaço destinado à experimentação artística e a troca de saberes em torno da produção de peças gráficas com materiais e técnicas não-convencionais, precários e/ou orgânicos. Nesta edição do Pibart, o Laboratório ofereceu quatro oficinas – três delas voltadas para elaboração de peças gráficas e uma para a produção audiovisual (o primeiro Laboratório de Precariedade Sonora desenvolvido pelo projeto). Outra novidade foi a TV Híbrida, apresentada em formato de *live* no Instagram.

Modalidade Grupo Artístico . **Bolsistas** Luís Henrique Souza Tobias de Camargo *Licenciatura em Artes Visuais*; Noah Mancini Mendes *Bacharelado Interdisciplinar de Artes e Design*; Mariana Rodrigues de Oliveira *Bacharelado de Artes Visuais* . **Orientadoras** Professoras Priscilla Danielle Goncalves de Paula e Rosane Preciosa Sequeira

ATELIÊ DE REINVENÇÃO DO CORPO

O projeto se propôs a investigar o conceito do corpo na filosofia, a fim de questionar e reinventar sua representação na atividade artística. A partir da leitura de textos propostos, os participantes do Ateliê foram provocados a lançar um novo olhar sobre seus próprios corpos, ressignificá-los e realizar uma atividade artística prática de representação do corpo. Nas oficinas, com propostas de trabalhos inspirados em estudos acadêmicos clássicos, como modelo vivo ou autorretrato, os participantes puderam explorar formas e expressões corporais, questionar e desconstruir modos estabelecidos de encarar seus próprios corpos e os dos outros e refletir criticamente sobre a relação de seus corpos com suas produções artísticas.

COLETIVO DESCOLÔNIA

Voltado para a pesquisa, estudo e produção de arte afrocentrada, o Coletivo Descolonia surgiu em 2016 no Instituto de Artes e Design da UFJF. Com projeto aprovado no Pibiart, o coletivo se propôs a compartilhar as poéticas de seus integrantes, abrir debates e realizar palestras sobre pautas raciais necessárias para pensar a história da arte de forma não eurocentrada. Na edição 2020, devido à pandemia, as ferramentas digitais foram essenciais para dar continuidade às ações desenvolvidas pelo grupo, como oficinas, rodas de conversas, performances e exposições.

Modalidade Grupo Artístico . **Bolsistas** Vanessa Lorena Barros Gomes *Bacharelado em Cinema e Audiovisual*; Andressa Cristina da Silva Souza *Bacharelado Interdisciplinar em Artes e Design*; Milton João de Souza Neto, *Bacharelado Interdisciplinar em Artes e Design* . **Orientadora** Professora Vanessa Raquel Lambert de Souza

Modalidade Projeto Artístico-Cultural . **Bolsista** Clara Barenco de Mello Lacerda *Bacharelado em Artes Visuais* .
Orientadora Professora Adriana Gomes de Oliveira



Obra produzida por participante do projeto durante a atividade “Corpo vivo”

